



**MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAPÁ
PRÓ-REITORIA DE ENSINO DE GRADUAÇÃO
COORDENADORIA DE ENSINO DE GRADUAÇÃO
DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
COLEGIADO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E SOCIOLOGIA
LICENCIATURA EM SOCIOLOGIA**

JORGE LUCAS DE OLIVEIRA DIAS

RELAÇÕES DE TRABALHO E O ENSINO DE SOCIOLOGIA: um estudo sobre o Trabalho do Docente de Sociologia na Escola Estadual José do Patrocínio, Macapá-AP.

MACAPÁ-AP

2019

JORGE LUCAS DE OLIVEIRA DIAS



RELAÇÕES DE TRABALHO E O ENSINO DE SOCIOLOGIA: um estudo sobre o Trabalho do Docente de Sociologia na Escola Estadual José do Patrocínio, Macapá-AP.

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Licenciatura em Sociologia, vinculado ao Departamento de Filosofia e Ciências Humanas, da Pró-Reitoria de Ensino de Graduação, da Universidade Federal do Amapá, como requisito final para obtenção de título de Licenciado em Sociologia.

Orientador: Prof. Dr. Manoel de Jesus de Souza Pinto

MACAPÁ-AP

2019

JORGE LUCAS DE OLIVEIRA DIAS



RELAÇÕES DE TRABALHO E O ENSINO DE SOCIOLOGIA: um estudo sobre o Trabalho do Docente de Sociologia na Escola Estadual José do Patrocínio, Macapá-AP.

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Licenciatura em Sociologia, vinculado ao Departamento de Filosofia e Ciências Humanas, da Pró-Reitoria de Ensino de Graduação, da Universidade Federal do Amapá, como requisito final para obtenção de título de Licenciado em Sociologia.

Orientador: Prof. Dr. Manoel de Jesus de Souza Pinto

BANCA EXAMINADORA:

Prof. Dr. Manoel de Jesus de Souza Pinto – Ciências Sociais e Sociologia
Presidente da Banca e Orientador – Universidade Federal do Amapá

Prof. Esp. Raimundo de Lima Brito – Ciências Sociais e Sociologia
Examinador – Universidade Federal do Amapá

Prof.^a Dr.^a Ana Cristina de Paula Maués Soares – Relações Internacionais
Examinadora externa – Universidade Federal do Amapá

MACAPÁ-AP

2019

JORGE LUCAS DE OLIVEIRA DIAS



RELAÇÕES DE TRABALHO E O ENSINO DE SOCIOLOGIA: um estudo sobre o Trabalho do Docente de Sociologia na Escola Estadual José do Patrocínio, Macapá-AP.

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Licenciatura em Sociologia, vinculado ao Departamento de Filosofia e Ciências Humanas, da Pró-Reitoria de Ensino de Graduação, da Universidade Federal do Amapá, como requisito final para obtenção de título de Licenciado em Sociologia.

Orientador: Prof. Dr. Manoel de Jesus de Souza Pinto

ÁREAS DE CONCENTRAÇÃO: Sociologia do Trabalho e Sociologia da Educação.

AVALIADO EM: _____ de _____ de _____.

CONCEITO FINAL: _____

PROFESSOR-ORIENTADOR: _____

Prof. Dr. Manoel de Jesus de Souza Pinto

ALUNO-ORIENTANDO: _____

Jorge Lucas de Oliveira Dias

MACAPÁ-AP

2019

*Dedico este trabalho a minha mãe, **Laurimar de Oliveira dos Santos**, por tudo! Pelos seus esforços, por suas batalhas, por sempre lutar por nós dois, por sempre estar ao meu lado me apoio e corrigindo meus erros e, mesmo quando não estávamos juntos, você sempre cuidou e se preocupou comigo. Dedico a você, por você ser essa mãe incrível, que eu amo e admiro muito. Sem você, eu jamais teria chego até aqui. Tenho muito orgulho da senhora, mãe.*

AGRADECIMENTOS

Agradeço a *Deus*, pela vida e pelas oportunidades de lutar e recomeçar.

Agradeço a minha mãe e amiga, *Laurimar de Oliveira dos Santos*, pelo amor, amizade, pela paciência e por sempre apoiar em minhas decisões – mesmo que elas parecessem sem sentido. E por sempre estar ao meu lado nos momentos difíceis.

Agradeço ao meu orientador, mentor intelectual e amigo, *Prof. Manoel de Jesus de Souza Pinto*, pelas oportunidades, por participar em seus projetos, pelo crescimento acadêmico, conselhos e desafios, pela paciência e pelas lições de vida, especialmente as lições relacionadas ao crescimento profissional, por dar suporte e por ser um grande exemplo de profissional.

Agradeço ao professor e amigo, *Prof. Raimundo de Lima Brito*, por proporcionar grandes oportunidades, ensinamentos e pela disponibilidade, tanto de crescimento profissional como intelectual. E, também, por ser um grande exemplo de como ser professor.

Agradeço a professora e amiga, *Prof.^a Ana Cristina de Paula Maués Soares*, pelas oportunidades, disponibilidade e por todo auxílio e suporte. E também por ser um grande exemplo de professora – mulher batalhadora e extremamente eficiente.

Vale ressaltar um agradecimento especial a vocês professores: Manoel Pinto, Raimundo Brito e Ana Cristina Soares. Para ser sincero em muitos momentos a presença de vocês ocorreu de forma como se estivesse para além de posição formal de professores e professora, pois além das oportunidades, os senhores e a senhora também representaram, nessa trajetória, a figura semelhante à de um(a) familiar, tendo em vista que sempre demonstraram preocupações, respeito e atenções para além do âmbito acadêmicos/institucional. Muito obrigado!

Agradeço aos professores/a: *Prof.^a Gláucia Maria Tinoco Barbosa*, pelo apoio em momentos complicados logo no início do curso, pelos valiosíssimos conselhos, pelas aulas empolgantes e ao *Prof. David Júnior de Souza Silva*, pelas longas conversas, pelos conselhos, pela disponibilidade em momentos críticos.

Agradeço aos colegas de curso: *Maria Elizabete Ramos da Conceição, Neuton Carlos Coutinho Lima, Elane de Sousa dos Santos, Raylana Quelly Pantoja de Aquino, Acelino Augusto Brito da Luz, Wesley Vaz Oliveira e Tayrine Gouvea Batista*.

Ao **Colegiado de Ciências Sociais e Sociologia**: especialmente aos Professores(as) que tive a oportunidade de ser aluno: *Prof.^a Gláucia Maria Tinoco Barbosa, Prof. Manoel de Jesus de Souza Pinto, Prof. Raimundo de Lima Brito, Prof.^a Alexsara de Souza Maciel, Prof. Luciano Magnus de Araújo, Prof. Ed Carlos de Souza Guimarães, Prof.^a Maria do Socorro*

dos Santos Oliveira, Prof. José Maria da Silva, Prof. Rosinaldo de Souza Silva, Prof. Marcus André de Souza Cardoso, Prof.ª Iraci de Carvalho Barroso, Prof.ª Adriana Tenório da Silva, Prof.ª Camila Maria Risso Sales, Prof. Manoel Ricardo Vilhena, Prof. João Wilson Savino Carvalho, Prof. Emanuel Leal de Lima e Prof. Antônio Sérgio Monteiro Filocreão. Agradeço também ao técnico administrativo *Sr. Carlos Ely de Sá Miranda* e as(os) professoras(es) dos colegiados: do curso de Relações Internacionais *Prof.ª Ana Cristina de Paula Maués Soares*; do curso de História *Prof.ª Dr.ª Carmentilla das Chagas Martins*; do curso de Pedagogia *Prof.ª Ilma de Andrade Barleta e Prof.ª Diana Regina dos Santos Alves*; do curso de Ciências Biológicas *Prof. Júlio César Sá de Oliveira*. Sem as aulas, ensinamentos e oportunidades de vocês, professoras e professores, eu jamais teria alcançado este momento. Muito obrigado!

Agradeço também aos **Professores de Sociologia da Escola Estadual José do Patrocínio (JP): Prof. Raimundo Nonato Silva de Sousa** (pela paciência e pela riquíssima oportunidade em permitir que eu participasse, como estagiário, de suas aulas/atividades de trabalho durante os anos de 2017 e 2018. Esta grande oportunidade permitiu que eu tivesse um pouco mais de compreensão sobre os grandes desafios – positivos e negativos – e perspectivas existentes na sala de aula, especialmente, levando em consideração os atuais cenários intimidadores de uma escola pública, que está situada em região afastada do centro da capital Macapá-AP e, talvez, por isso não receba as devidas atenções) e ao *Prof. Paulo Rodrigues Bastos*, por terem aceitado participar, voluntariamente, da pesquisa que constituiu este Trabalho de Conclusão de Curso. Professores, muito obrigado!

E, agradecimento e reconhecimento especial à **Universidade Federal do Amapá (UNIFAP)**, por me proporcionar a grande oportunidade de crescimento e conhecimento sobre um novo mundo, com grande ênfase para o que chamo de “Mundo da Sociologia” – enquanto conhecimento para a vida. E, conseqüentemente, por me proporcionar sonhos e, principalmente, suporte acadêmico: educacional, econômico e pessoal. Muito obrigado, UNIFAP!

Goethe disse, certa vez: “Se me perguntares como é a gente daqui, responder-te-ei: como em toda parte. A espécie humana é de uma desoladora uniformidade; a sua maioria trabalha durante a maior parte do tempo para ganhar a vida, e, se algumas horas lhe ficam, horas tão preciosas, são lhe tal forma pesadas que busca todos os meios para as ver passar. Triste destino o da humanidade!” (Werther).

(ANTUNES, 2015, p. 28)

DIAS, Jorge Lucas de Oliveira. **RELAÇÕES DE TRABALHO E O ENSINO DE SOCIOLOGIA: um estudo sobre o Trabalho do Docente de Sociologia na Escola Estadual José do Patrocínio, Macapá-AP.** / Jorge Lucas de Oliveira Dias. (Monografia). – Graduação em Licenciatura em Sociologia – Colegiado de Ciências Sociais e Sociologia; Universidade Federal do Amapá : UNIFAP, Macapá-AP, 2019.

RESUMO

Este trabalho tem por objetivo a realização de um estudo sobre o cenário de trabalho do docente de sociologia, enquanto um trabalhador, da Escola Estadual José do Patrocínio, Fazendinha, Macapá-AP. Tendo em vista que as mais diversificadas perspectivas sobre as relações de trabalho apresentam múltiplas complexidades, especialmente as quais se desdobram em instituições permeadas de elementos expressivos, como hierarquias e relações de poder, a exemplo da instituição escola. Nesse sentido, a pesquisa foi realizada na Escola Estadual José do Patrocínio (JP), que é vinculada à Secretaria de Estado da Educação do Amapá (SEED-AP), do Governo do Estado do Amapá (GEA) e fica localizada no distrito de Fazendinha, pertencente a cidade de Macapá-AP. Assim, a pesquisa buscou analisar e compreender o cenário de trabalho dos professores de sociologia e seus desdobramentos a partir da realização de análises das próprias perspectivas e demandas apresentadas pelos professores enquanto agentes e atores sociais de grande destaque do ambiente escolar e educacional. Estamos, portanto, diante de uma importante categoria de análises sociológicas, uma vez que por meio deste estudo, serão apresentados conceitos sociológicos fundamentais e suas problematizações, a exemplo dos conceitos de Trabalho e de Sociologia. A metodologia utilizada neste trabalho foi a pesquisa qualitativa, com grande ênfase para os recursos possibilitados pela aplicação de questionários direcionados aos trabalhadores docentes de sociologia no ambiente escolar. Nesse sentido, buscamos por meio deste estudo, apresentar o cenário de trabalho do docente de sociologia e seus desdobramentos a partir da pesquisa de campo realizada na Escola Estadual José do Patrocínio, Fazendinha, Macapá-AP.

Palavras-chave: Trabalho. Trabalho Docente. Sociologia. Escola José do Patrocínio.

DIAS, Jorge Lucas de Oliveira. **WORK RELATIONS AND THE TEACHING OF SOCIOLOGY: a study on the Work of the Sociology Teacher at the José do Patrocínio State School, Macapá-AP.** / Jorge Lucas de Oliveira Dias. (Monography). – Undergraduate Degree in Sociology – Collegiate of Social Sciences and Sociology; Federal University of Amapá: UNIFAP, Macapá-AP, 2019.

ABSTRACT

This study aims to carry out a study on the work scenario of the sociology teacher, as a worker, from the State School José do Patrocínio, Fazendinha, Macapá-AP. In view of the fact that the most diverse perspectives on labor relations present multiple complexities, especially in institutions permeated by expressive elements such as hierarchies and power relations, such as the school institution. In this sense, the research was carried out at the José do Patrocínio State School (JP), which is linked to the Amapá State Secretariat of Education (SEED-AP), of the State Government of Amapá (GEA) and is located in Fazendinha district, belonging to the city of Macapá-AP. Thus, the research sought to analyze and understand the work scenario of teachers of sociology and its unfolding from the analysis of the perspectives and demands presented by teachers as agents and social actors of great prominence in the school and educational environment. We are, therefore, facing an important category of sociological analysis, since through this study, fundamental sociological concepts and their problematizations will be presented, such as the concepts of Work and Sociology. The methodology used in this work was the qualitative research, with great emphasis for the resources made possible by the application of questionnaires addressed to teachers teaching sociology in the school environment. In this sense, we seek to present the work scenario of the sociology teacher and its unfolding from the field research carried out at the José do Patrocínio State School, Fazendinha, Macapá-AP.

Keywords: Work. Teaching Work. Sociology. José do Patrocínio School.

DIAS, Jorge Lucas de Oliveira. **RELATIONS DE TRAVAIL ET ENSEIGNEMENT DE LA SOCIOLOGIE: une étude sur le travail de la professeure de sociologie à l'école publique José do Patrocínio, Macapá-AP.** / Jorge Lucas de Oliveira Dias. (Monographie). – Diplôme universitaire de premier cycle en sociologie – Collège universitaire en sciences sociales et sociologie; Université fédérale d'Amapá: UNIFAP, Macapá-AP, 2019.

RESUME

Cette étude vise à réaliser une étude sur le scénario de travail du professeur de sociologie, en tant que travailleur, de l'École publique José do Patrocínio, Fazendinha, Macapá-AP. Étant donné que les perspectives les plus diverses sur les relations de travail présentent de multiples complexités, en particulier dans les institutions imprégnées d'éléments expressifs tels que les hiérarchies et les relations de pouvoir, telles que l'institution scolaire. En ce sens, la recherche a été effectuée à l'École d'État José do Patrocínio (JP), rattachée au Secrétariat d'État à l'État Amapá (SEED-AP) du Gouvernement de l'État d'Amapá (GEA) et située dans le district de Fazendinha, appartenant à la ville de Macapá-AP. La recherche visait donc à analyser et à comprendre le scénario de travail des enseignants en sociologie et son évolution à partir de l'analyse des perspectives et des demandes présentées par les enseignants en tant qu'agents et acteurs sociaux de premier plan dans l'environnement scolaire et éducatif. Nous sommes donc confrontés à une catégorie importante d'analyses sociologiques car, à travers cette étude, seront présentés des concepts sociologiques fondamentaux et leur problématisation, tels que les concepts de travail et de sociologie. La méthodologie utilisée dans ce travail était la recherche qualitative, l'accent étant mis sur les ressources rendues possibles par l'application de questionnaires adressés aux enseignants enseignant la sociologie en milieu scolaire. En ce sens, nous cherchons à présenter le scénario de travail du professeur de sociologie et son évolution à partir des recherches sur le terrain effectuées à l'École d'État José do Patrocínio, Fazendinha, Macapá-AP.

Mots-clés: travail. Travail d'enseignement. Sociologie École José do Patrocínio.

Días, Jorge Lucas de Oliveira. **RELACIONES DE TRABAJO Y LA ENSEÑANZA DE SOCIOLOGÍA: un estudio sobre el trabajo del docente de sociología en la Escuela Estadual José del Patrocínio, Macapá-AP.** / Jorge Lucas de Oliveira Dias. (Monografía). – Graduación en Licenciatura en Sociología – Colegio de Ciencias Sociales y Sociología; Universidad Federal de Amapá: UNIFAP, Macapá-AP, 2019.

RESUMEN

Este trabajo tiene por objetivo la realización de un estudio sobre el escenario de trabajo del docente de sociología, mientras que un trabajador, de la Escuela Estadual José del Patrocínio, Fazendinha, Macapá-AP. Teniendo en cuenta que las más diversificadas perspectivas sobre las relaciones de trabajo presentan múltiples complejidades, especialmente las que se desdoblán en instituciones impregnadas de elementos expresivos, como jerarquías y relaciones de poder, a ejemplo de la institución escolar. En este sentido, la investigación se realizó en la Escuela Estatal José del Patrocínio (JP), que está vinculada a la Secretaría de Estado de Educación de Amapá (SEED-AP), del Gobierno del Estado de Amapá (GEA) y está ubicada en el distrito de Fazendinha, perteneciente a la ciudad de Macapá-AP. Así, la investigación buscó analizar y comprender el escenario de trabajo de los profesores de sociología y sus desdoblamientos a partir de la realización de análisis de las propias perspectivas y demandas presentadas por los profesores como agentes y actores sociales de gran destaque del ambiente escolar y educativo. Por lo tanto, estamos ante una importante categoría de análisis sociológicos, ya que a través de este estudio, se presentarán conceptos sociológicos fundamentales y sus problemas, a ejemplo de los conceptos de Trabajo y de Sociología. La metodología utilizada en este trabajo fue la investigación cualitativa, con gran énfasis para los recursos posibilitados por la aplicación de cuestionarios dirigidos a los trabajadores docentes de sociología en el ambiente escolar. En este sentido, buscamos por medio de este estudio, presentar el escenario de trabajo del docente de sociología y sus desdoblamientos a partir de la investigación de campo realizada en la Escuela Estadual José del Patrocínio, Fazendinha, Macapá-AP.

Palabras clave: Trabajo. Trabajo Docente. Sociología. Escuela José del Patrocínio.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	14
1. AS RELAÇÕES ENTRE O MUNDO DO TRABALHO E A TEORIA SOCIOLOGICA: O QUE É TRABALHO?.....	16
1.1. O Trabalho enquanto categoria de análise sociológica	17
1.1.1. As origens do Trabalho: as transformações dos seres naturais em sociais	17
1.1.2. O Trabalho nas sociedades modernas: quais sentidos?	21
1.1.3. A divisão social e sexual do trabalho	24
1.2. O Trabalho Docente e o Trabalho Pedagógico: uma questão de identidade?	28
1.2.1. O trabalhador docente e o fazer pedagógico: da identidade a precarização	28
2. A SOCIOLOGIA ENQUANTO CIÊNCIA SOCIAL E A DOCÊNCIA EM SOCIOLOGIA MEDIANTE AS REFORMAS EDUCACIONAIS.....	31
2.1. O que é Sociologia?.....	31
2.1.1. A consolidação como uma das Ciências da Sociedade	33
2.1.2. Teóricos clássicos e suas importâncias para a Sociologia	34
2.1.3. A Sociologia no mundo contemporâneo e suas subdivisões.....	40
2.2. Sociologia enquanto componente curricular da educação básica	41
2.2.1. Breves perspectivas sobre a presença da Sociologia no Ensino Médio.....	41
3. RELAÇÕES DE TRABALHO E A DOCÊNCIA EM SOCIOLOGIA: O CENÁRIO DE TRABALHO DO DOCENTE DE SOCIOLOGIA.....	44
3.1. O campo da pesquisa: Escola Estadual José do Patrocínio, Macapá-AP.....	44
3.1.1. A cidade de Macapá	44
3.1.2. A Escola Estadual José do Patrocínio.....	45
3.1.3. Os procedimentos metodológicos utilizados na pesquisa.....	46
3.2. O cenário do Trabalho docente de Sociologia na Escola José do Patrocínio	46
3.2.1. Perfil dos professores participantes: Identificação e Formação Acadêmica.....	46
3.2.1.1. Professor Raimundo Nonato Silva de Sousa	46
3.2.1.2. Professor Paulo Rodrigues Bastos	46
3.2.2. Apresentação e Análise das entrevistas realizadas com os professores.....	47
CONSIDERAÇÕES FINAIS	51
REFERÊNCIAS	52
APÊNDICE I – TERMO DE CONSENTIMENTO E LIVRE ESCLARECIMENTO	57
APÊNDICE II – QUESTIONÁRIO: O Trabalho do(a) Docente de Sociologia	58
ANEXOS	61

INTRODUÇÃO

A Sociologia enquanto uma das grandes ciências pertencentes ao eixo das ciências humanas e sociais, possui significativa relevância – justificada por seus conhecimentos: teorias, métodos e técnicas de análise – para a construção de conhecimentos e problematizações sobre as mais diversificadas sociedades (desde as mais simples até as mais complexas). Caracteriza-se também como uma das áreas do conhecimento mais importantes, quando se trata de produções científicas e/ou empírica, especialmente por conta de suas perspectivas investigativas e olhares críticos sobre as sociedades e as relações sociais que foram desenvolvidas ao longo da história humana, que estão situadas a partir de questões sociais, políticas, econômicas, educacionais, religiosas, culturais, bem como as investigações sobre os diversos aspectos dos comportamentos coletivos e das análises sobre o mundo do trabalho.

Neste sentido, vislumbra-se a importância da sociologia enquanto uma ciência abrangente para a realização deste estudo, que visa apresentar aspectos diretamente relacionados entre a Sociologia e a concepção de Mundo do Trabalho. Assim, realiza-se um recorte sociológico sobre uma das categorias de trabalho – o trabalho docente –, com o intuito de compreender, a partir do olhar sociológico, como ocorre o Trabalho do Docente de Sociologia, mediante as noções de cenário de trabalho, que envolvem elementos como: 1) condições e estruturas físicas de trabalho, 2) reconhecimento enquanto trabalhador/profissional e a 3) sala de aula do ensino de sociologia, na Escola Estadual José do Patrocínio, localizada no distrito de Fazendinha, pertencente a cidade de Macapá, Estado do Amapá, situada na região amazônica do norte do Brasil.

A partir da compreensão de trabalho docente, almeja-se ir para além das impressões do pesquisador – autor deste trabalho –, tendo em vista que objetiva-se apresentar as respostas, na íntegra, dos professores entrevistados, possibilitando, assim, maior fidelidade e clareza na apresentação do cenário de trabalho dos professores de sociologia da Escola Estadual José do Patrocínio. Sendo assim, além de contemplar aspectos sobre o ensino de sociologia, este estudo objetiva identificar quais as concepções dos professores entrevistados, haja vista que é extremamente importante ressaltar que este profissional de atuação na sociologia apresenta grandes demandas em meio aos atuais cenários educacionais em que está inserida a sociologia.

Acredita-se que outro fator de destaque deste estudo é o local da pesquisa: a Escola Estadual José do Patrocínio, que tem mais de 50 anos de existência, está localizada no distrito de Fazendinha, que atende não somente a população do distrito, mas também oferta vagas para

alunos/as de comunidade vizinhas, como a comunidade do Igarapé da Fortaleza (pertencente a cidade de Santana-AP) e pequenos ramais situados na rodovia Juscelino Kubitschek-AP, que fazem ligação entre as cidades de Macapá-AP e Santana-AP. Vale salientar que o distrito de Fazendinha é considerado área rural da cidade de Macapá-AP, possuindo três escolas estaduais, sendo que o Escola Estadual José do Patrocínio é detentora de especificidades próprias, como a localização, haja vista que está situada às margens do Rio Amazonas, próximo à área de florestas e de famílias tradicionais¹ da região de Fazendinha – famílias que sobrevivem e se desenvolvem por meio da agricultura e em sua maioria tem seus filhos(as)/netos(as) como alunos(as) da Escola José do Patrocínio, sendo, portanto, responsável pela formação, em termos de educação básica, de quase todas as gerações que atualmente habitam o distrito de Fazendinha.

Nessa perspectiva, ressalta-se que este estudo pretende analisar as concepções apresentadas pelos professores de sociologia, que atuam na Escola Estadual José do Patrocínio, sobre questões que envolvem uma das categorias de trabalho: “Trabalho Docente”, uma vez que almeja-se a coleta de respostas aos questionamentos formulado a partir de visitas prévias realizadas na escola, tais como: “O que é ser professor de Sociologia no Contexto Atual? Em quais condições de trabalho você atua? A escola oferece condições de infraestrutura para as atividades docentes? (Ex: Sala de Aula; Espaço para Professores; Laboratório de Informática) e a jornada de trabalho causa adoecimento? E interfere em seu lazer?”.

Neste sentido, o primeiro capítulo deste estudo busca a realização de diálogo com a concepção de Mundo do Trabalho, bem como a apresentação do Trabalho enquanto categoria sociológica e alguns de seus desdobramentos. O segundo capítulo apresenta algumas conceituações da Sociologia e breves elementos constitutivos do seu desenvolvimento enquanto ciência social. E o terceiro capítulo buscar apresentar o local da pesquisa – breve apresentação da cidade de Macapá-AP e da instituição de ensino – e os resultados das pesquisas realizadas com os professores de Sociologia, junto a breve contextualização sobre elementos percebidos pelo pesquisador.

¹ Faz-se referência a “Família tradicionais” levando em consideração os longos anos que essas famílias habitam no distrito de Fazendinha-Macapá/AP, especialmente por conta de seus hábitos e (re)produção de vida na região, como a exemplo no fato de muitas das famílias, que moram nas redondezas das escolas, sobreviverem a partir de práticas provenientes da agricultura no próprio distrito de Fazendinha.

1. AS RELAÇÕES ENTRE O MUNDO DO TRABALHO E A TEORIA SOCIOLÓGICA: O QUE É TRABALHO?

Por “mundo do trabalho” entende-se como um cenário, um sistema, um conglomerado – em que a riqueza e a miséria estão presentes de modo relacional (ANTUNES, R., 2006 , p. 15) – composto por diversos elementos, como: o(a) trabalhador(a) enquanto ser capaz de (re)produzir atividades e objetos (frutos de processos do trabalho); o **Trabalho**², caracterizado como ação humana voltada a atender fins/necessidades; os ambientes e os recursos naturais/artificiais, materiais/imateriais existentes que compõe este cenário transmutável de vida humana, onde ocorre as atividades/processos de trabalho. Ou ainda, pode-se dizer que:

Mundo do trabalho é o conjunto de fatores que engloba e coloca em relação a atividade humana de trabalho, o meio ambiente em que se dá a atividade, as prescrições e as normas que regulam tais relações, os produtos delas advindos, os discursos que são intercambiados nesse processo, as técnicas e as tecnologias que facilitam e dão base para que a atividade humana de trabalho se desenvolva, as culturas, as identidades, as subjetividades e as relações de comunicação constituídas nesse processo dialético e dinâmico de atividade. Ou seja, é um *mundo* que passa a existir a partir das relações que nascem motivadas pela atividade humana de trabalho, e simultaneamente conformam e regulam tais atividades. (FÍGARO, 2008, p. 92)

Neste sentido, a partir da concepção apresentada sobre “Mundo do Trabalho”, compreende-se que este, sendo uma categoria de análise, que envolve inúmeros agentes e atores sociopolíticos, culturais e econômicos e educacionais, que se relacionam – vivem e sobrevivem – diretamente com o trabalho, tendo em vista que o trabalho é um elemento crucial de ação, reação, produção e reprodução de sentidos, necessidades e valores para a vida em seus múltiplos aspectos: social, cultural, psicológico, econômico, político e educacional.

Assim, para melhor entendimento sobre a perspectiva de “Mundo do Trabalho”, faz-se necessário para entender o Trabalho enquanto uma categoria crucial, de extremo caráter social, educacional e econômico para a vida humana, que é um dos principais responsáveis por inovações, riquezas, misérias, crises e transformações mundiais ocorridas nas mais diversificadas sociedades, desde as sociedades consideradas como primitivas/simples, até as contemporâneas, veementemente vista como avançadas/modernas – especialmente as sociedades industriais, que estão sob domínio do sistema socioeconômico de origem capitalista.

² O trabalho pode ser definido como o exercício de uma atividade vital, capaz de plasmar a própria produção e a reprodução da humanidade, uma vez que é o ato responsável pela criação dos bens materiais e simbólicos socialmente necessários para a sobrevivência da sociedade. Esse é o primeiro traço central identificado quando se procura compreender o sentido mais profundo da noção de trabalho. Se, por um lado, o trabalho é expressão, em maior ou menor medida, de um ato *poiético*, o momento da criação, ele tem sido também, ao longo da história, constante expressão de subordinação e alienação. (ANTUNES, R., 2011, p. 432-433)

1.1. O Trabalho enquanto categoria de análise sociológica

O trabalho (e suas relações e/ou condições) está vinculado sob diversas análises e compreensões sistêmicas existentes nas ciências sociais e exatas, uma vez que este configura-se em múltiplos cenários e teorias da vida humana. A Sociologia (teoria sociológica), dentre as ciências que se destacam em analisar o Trabalho – enquanto uma categoria social –, possui grande riqueza teórica-metodológica sobre este exercício humano, tendo em vista que sua origem: “nascida em meio às transformações políticas, econômicas, culturais e sociais do século XIX, cercadas, de um lado, pelo progresso científico e tecnológico e, de outro pela **exploração do trabalho** e pela desigualdade social” (CALBUCCI; ROCHA; CALBUCCI, 2013, p. 11, grifo nosso), constituiu-se a partir de significativas mudanças sociais, as quais lhe dão propriedades nas relações e nos estudos sobre o Trabalho:

Desde seu início a sociologia tem se dedicado à análise do trabalho na sociedade moderna. Em suas mais diversas perspectivas e concepções do mundo, os autores clássicos do pensamento sociológico, cada um a seu modo, apontaram a importância do trabalho e das relações que se construíram a partir dele para o entendimento da sociedade. Nos dias de hoje, as grandes mudanças pelas quais passa o mundo contemporâneo a investigação sociológica permanece um instrumento essencial para lançar luz sobre tais transformações e seus impactos sociais. (SANTANA, 2004, p. 7)

“Estudar o trabalho a partir da sociologia nos possibilita enxergar e escutar diferentes representações sobre a vida. A vida e o trabalho não podem ser dissociados, pois é a própria condição de ser humano” (ULBRA, 2008, p. 17). Nesta perspectiva, busca-se apresentar o Trabalho – enquanto categoria social de análise – a partir de aspectos teóricos originários e consolidados no pensamento sociológico, haja vista que são correntes conceituais (sociológicas) que representam grande relevância aos estudos sobre as categorias que envolvem o mundo do trabalho, desde as discussões consolidadas até as transmutações contemporâneas desta atividade vital que proporciona sentidos – positivos e negativos – aos seres humanos.

1.1.1. As origens do Trabalho: as transformações dos seres naturais em sociais

Trabalho: De modo geral, trabalho é toda atividade que gera um produto ou serviço para uso imediato ou troca. Há muito tempo, sociólogos têm se mostrado interessados em certo número de questões fundamentais sobre trabalho: como o trabalho é definido e organizado e como isso afeta a experiência de trabalho; como indivíduos são distribuídos entre as ocupações (em termos de sexo, raça ou composição etária da Força de Trabalho); como a organização do trabalho se vincula aos sistemas de Estratificação e Desigualdade; e como se relaciona com grandes instituições, como o Estado, a Religião e a Família. (JOHNSON, 1997, p. 241, grifo nosso)

O Trabalho é compreendido, a partir do pensamento social, como uma atividade que constituiu o “ser social”, que proporcionou a projeção das mentalidades e das atividades coletivas, do então, “ser natural”: “*O homem é imediatamente ser natural*” (Marx, 2004, p. 127 *apud* ANTUNES, C., 2018, p. 33), asseverava Marx fortemente, em 1844. No entanto, Marx também afirma que “o indivíduo é o ser social” (Marx, 2004, p. 107 *apud* ANTUNES, C., 2018, p. 33).

Os seres primitivos ou naturais – segundo Friedrich Engels, 1876, em “*Sobre o papel do trabalho na transformação do macaco em homem*”³ – eram semelhantes aos macacos (antropomorfos e antropoides, como descrevia Charles Darwin), cobertos de pelos e andavam sob os quatro membros. Neste sentido, o processo de transformação dos seres naturais em sociais ocorre mediante a fatores cruciais – que surgem por necessidade de sobrevivência – como: o advento da posição ereta em relação ao processo de locomoção, a diferenciação das funções entre o uso de mãos e pés ao pegar em objetos e alimentos e, também, com as primeiras divisões de funções/trabalho que, conseqüentemente, possibilitou o uso de ferramentas (galhos de árvores, grandes ossos de animais, pedras, etc.) para construção de moradias, a produção de fogo e alimentos que foram fatores decisivos, segundo essa teoria, para a “transição e/ou transformação do macaco ao homem”:

O trabalho é a fonte de toda a riqueza, afirmam os economistas. Assim, é com efeito, ao lado da natureza, encarregada de fornecer os materiais que ele converte em riqueza. O trabalho, porém, é muitíssimo mais do que isso. É a condição básica e fundamental de toda a vida humana. E em tal grau que, até certo ponto, podemos afirmar que o trabalho criou o próprio homem (ENGELS, 2013, p. 13)

Por isso, as funções, para as quais nossos antepassados foram adaptando pouco a pouco suas mãos durante os muitos milhares de anos em que se prolongaram o período de transição do macaco ao homem, só puderam ser, a princípio, funções sumamente simples. Os selvagens mais primitivos, inclusive aqueles nos quais se pode presumir o retorno a um estado mais próximo da animalidade, com uma degeneração física simultânea, são muitos superiores àqueles seres do período de transição. Antes de a primeira lasca de sílex ter sido transformada em machado pela mão do homem, deve ter sido transcorrido um período de tempo tão longo que, em comparação com ele, o período histórico por nós conhecido torna-se insignificante. Mas já havia sido dado o passo decisivo: a mão era livre e podia agora adquirir cada vez mais destreza e habilidade; e essa maior flexibilidade adquirida transmitia-se por herança e aumentava de geração em geração. [...] Vemos, pois, que a mão não é apenas o órgão do trabalho; é também produto dele. (ENGELS, 2013, p. 15)

O desenvolvimento do cérebro e dos sentidos a seu serviço, a crescente clareza de consciência, a capacidade de abstração e de discernimento cada vez maiores, reagiram por sua vez sobre o trabalho e a palavra, estimulando mais e mais o seu desenvolvimento. Quando o homem se separa definitivamente do macaco, esse desenvolvimento não cessa de modo algum, mas continua, em grau diverso e em diferentes sentidos entre os diferentes povos e as diferentes épocas, interrompido mesmo às vezes por retrocessos de caráter local ou temporário, mas avançando em

³ ENGELS, Friedrich. Sobre o papel do trabalho na transformação do macaco em homem. In: **A dialética do trabalho** / Ricardo Antunes (org.) – São Paulo : Expressão Popular, 2013.

seu conjunto a grandes passos, consideravelmente impulsionado e, por sua vez, orientado em um determinado sentido por um novo elemento que surge como o aparecimento do homem acabado: a sociedade. (ENGELS, 2013, p. 19)

Orientando-se a partir desta perspectiva, entende-se o processo de evolução e/ou transformação dos seres naturais como necessário para a sobrevivência, para domínios de novos conhecimentos, técnicas e territórios, para existência e reprodução da espécie, tendo em vista as necessidades e grandes dificuldades, comumente apresentadas, durante a vida dos seres mencionados, como em relação aos fatores internos (biológicos, como a exemplo da alimentação e reprodução) e externos (clima, conflitos e guerras com outros seres vivos – com em relação aos seus próprios pares, como em relação aos outros seres naturais).

Nesse sentido, após longos anos, a partir da perspectiva de consolidação dos seres naturais em seres sociais, criam-se e/ou renovam-se mecanismos de sobrevivência (caça, agricultura, pesca, etc), surgem novas necessidades (moradias, divisão de funções, etc.), especialmente a partir da organização em grupos sociais – sociedades – e adaptação com os desdobramentos existentes nela: “os *homens*, antes do mais, têm primeiro que comer, beber, abrigar-se e vestir-se, antes de se poderem entregar à política, à ciência, à arte, à religião, etc.” (MARX; ENGELS; 1985a, p. 179 *apud* ANTUNES, C., 2018, p. 34).

Contudo, mesmo com a ideia consolidada da “transformação” dos seres naturais em seres sociais, os seres humanos não deixam – e, provavelmente, nunca deixaram –, por completo, de caracteriza-se como ser natural: “o homem vive da natureza (Marx, 20014, p.84), o que significa afirmar que ele vive fisicamente dos produtos que da natureza consegue extrair” (ANTUNES, C., 2018, p. 36). Está afirmação fortifica-se mediante a noção de uma relação recíproca entre “seres humanos e natureza”, uma vez que:

É tão somente no interior do processo da alteração produtiva da natureza exterior, a partir da necessidade de torná-la adaptada as necessidades humanas, que se pode apreender adequadamente por que é que se humanizam, concomitante, articulada e dialeticamente, ser humano e natureza.

Nessa transformação conjunta, ser humano e natureza, como polos, formam essa espécie de ‘corpo natural’ (...) e apenas no interior dessa unidade é que é possível a reprodução naturalmente humana e humanamente natural do ser humano, ou, numa palavra: o constante processo de *formação* humano dos seres humanos.

Essa especificidade, essa característica peculiar, particular, exclusiva, essa relação humana de transformação da natureza, que dela parte mas que a adapta, a humaniza, recebe o nome de trabalho. (ANTUNES, C., 2018, p.39-40)

A partir deste raciocínio, que proporciona-se mensurar a “evolução/transformação” como um processo de caráter sociocultural, extremamente significativo para a passagem – após longos anos – dos seres naturais para seres sociais, é possível identificar a adaptação para o

trabalho como um dos fatores de grande relevância para a história da humanidade, para o processo de humanização dos seres sociais, uma vez que o trabalho, enquanto ação humana de transformação da natureza para atender suas necessidades, diferente aos seres sociais dos seres naturais, tendo em vista que:

(...) outras espécies animais, mesmo aquelas que realizam mudança na natureza circundante, *não trabalham* – ‘é verdade que também o animal produz. Constrói para si um ninho, habitações, como a abelha, castor, formiga, etc. No entanto, produz apenas de que necessita imediatamente para si ou sua cria; produz unilateral[mente], enquanto o homem produz universal[mente] (MARX, 2004, p.85 *apud* ANTUNES, C., 2018, p.47)

O trabalho transforma a natureza e dessa transformação resulta algo novo, não anteriormente existente, não puramente natural, mas algo natural mediado humanamente pelo trabalho, por um produto **humano**, seja ele dado na forma de um objeto útil, algo que satisfaça uma necessidade humana, seja esse produto o próprio ser humano. Isso implica que o próprio ser humano é, ele mesmo, um resultado do processo de transformação da natureza - e, concomitantemente, agente fundamental desse processo. (ANTUNES, C., 2018, p. 51)

Esta relação – conflituosa por essência, devido a concepção de evolução entre primitivos e avançados – entre seres naturais e sociais, evoluções/transições da natureza, as transformações humanas e (i)materiais são elementos constitutivos de uma nova realidade para as sociedades, constitutivas de um novo mundo, o mundo do trabalho. Assim, compreende-se que o trabalho se faz presente desde os primórdios dos grupos sociais, trazendo significados e mutações para as sociedades. Neste sentido, estudar o trabalho (e suas relações) possibilita aos seres humanos analisar e compreender as mais diversificadas (re)configurações sobre a vida e seus momentos históricos, uma vez que se pode considerar:

O trabalho é, antes de tudo, um processo entre o homem e a natureza, processo este em que o homem, por sua própria ação, medeia, regula e controla seu metabolismo com a natureza. Ele se confronta com a matéria natural como com uma potência natural [*Naturmacht*]. A fim de se apropriar da matéria natural de uma forma útil para sua própria vida, ele põe em movimento as forças naturais pertencentes a sua corporeidade: seus braços e pernas, cabeça e mãos. Agindo sobre a natureza externa e modificando-a por meio desse movimento, ele modifica, ao mesmo tempo, sua própria natureza. Ele desenvolve as potências que nela jazem latentes e submete o jogo de suas forças a seu próprio domínio. Não se trata, aqui, das primeiras formas instintivas, animais [*tierartig*], do trabalho. Um incomensurável intervalo separa o estágio em que o trabalhador se apresenta no mercado como vendedor de sua própria força de trabalho daquele em que o trabalho humano ainda não se desvencilhou de sua forma instintiva. Pressupomos o trabalho numa forma em que diz respeito unicamente ao homem. Uma aranha executa operações semelhantes às do tecelão, e uma abelha envergonha muitos arquitetos com a estrutura de sua colmeia. Porém, o que desde o início distingue o pior arquiteto da melhor abelha é o fato de que o primeiro tem a colmeia em sua mente antes de construí-la com a cera. No final do processo de trabalho, chega-se a um resultado que já estava presente na representação do trabalhador no início do processo, ou seja, um resultado que já existia idealmente. Isso

não significa que ele se limite a uma alteração da forma do elemento natural; ele realiza neste último ao mesmo tempo, a finalidade pretendida, que como ele bem o sabe, determina o modo de sua atividade com a força de uma lei, à qual ele tem de subordinar sua vontade. E essa subordinação não é um ato isolado. Além do esforço dos órgãos que trabalham, a atividade laboral exige a vontade orientada a um fim, que se manifesta como atenção do trabalhador durante a realização de sua tarefa, e isso tanto mais quanto menos esse trabalho, pelo seu próprio conteúdo e pelo modo de sua execução, atrai o trabalhador, portanto, quanto menos este último usufruí dele como jogo de suas próprias forças físicas e mentais (MARX, 2017, p. 255-256)

1.1.2. O Trabalho nas sociedades modernas: quais sentidos?

O trabalho é comumente associado ao “*Tripalium e trabacula*”, termos esses originários do Latim que fazem referências históricas à objetos de tortura, que também fazem parte da origem do trabalho (BORGES; YAMAMOTTO, 2014). “A eficácia dessa explicação está na sua verificação do fato de que o trabalho, como ‘atividade laboral’, nem sempre foi considerado desejável por homens e mulheres em todas as épocas históricas” (PINTO, G. A, 2007, p. 33). Nesta perspectiva, com o advento e questionamentos sobre a modernidade⁴, formulou-se conceituações sobre o trabalho a partir de ramificações razoavelmente distintas das ideias originárias das relações entre seres primitivos/naturais e seres sociais:

Gorz (2003)⁵ sugere que o trabalho foi uma *invenção* da modernidade. Para este autor, o trabalho no sentido contemporâneo do termo não pode ser confundido com os afazeres domésticos e nem com o labor, por mais penoso que seja. A característica mais importante deste trabalho – aquele que temos, procuramos e oferecemos – é ser uma atividade que se realiza na esfera pública (GORZ, 2003, p. 21). Ele completa afirmando que é pelo trabalho remunerado (mais particularmente, pelo trabalho assalariado) que pertencemos à esfera pública, adquirimos uma existência e uma identidade social. Por isso, a sociedade industrial pode perceber a si mesma como uma sociedade de trabalhadores, distinta de todas as demais que a precederam (GORZ, 2003 *apud* PINTO, M. J. S, 2012, p. 38)

Este fato confirmar que as concepções sobre o trabalho não se esgotam-se nas ideias sobre transformação da natureza, tortura e nem sobre a esfera pública, haja vista que “foi pelo trabalho que o *homem* descobriu que agia melhor em comunidade para manter seu grupo familiar. Aos poucos, constatou que era um ser social, e constituiu um estilo de vida comunitário capaz de garantir-lhe a sobrevivência e paz social” (BARBOSA, 2013, p. 08). Sendo assim, o avanço histórico do trabalho permitirá aos indivíduos a criação de bens para si e outros, por

⁴ [...] “modernidade” refere-se a estilo, costume de vida ou organização social que emergiram na Europa a partir do século XVII e que posteriormente se tornaram mais ou menos mundiais em sua influência [...] (GIDDENS, 1991, p. 11); Ou, ainda: modernidade é “[...] uma designação abrangente de todas as mudanças – intelectuais, sociais e políticas – que criaram o mundo moderno [...] é uma invenção da idade média cristã [...]” (KUMAR, 1997, p. 79).

⁵ GORZ, André. **Metamorfoses do trabalho e crítica da razão econômica**. São Paulo: Annablume, 2003.

meio de conhecimentos instituídos (leis, ciências, normas) de seus próprios conhecimentos investidos – experiências pessoais (FÍGARO, 2008).

As relações e condições de trabalho ganham ainda mais forças e reformulações nas sociedades modernas – assim chamadas por conta das rupturas com os sistemas consolidados (sociais, políticos, econômicos, etc.), rupturas que atingem diretamente as normas e comportamentos sociais, que permitem os avanços das indústrias, especialmente por conta da consolidação do sistema socioeconômico capitalista. Assim, o trabalho:

[...] passará, com o Capitalismo a ter novo caráter: liberdade e consumismo. Também experimentará um retrocesso: o crescimento do mercado não só irá conviver por algum tempo com as antigas formas de servidão, como farpa renascer a escravidão: trabalho compulsório. (BARBOSA, 2013, p. 12)

O trabalho constitui e explica grande parte da sociedade capitalista. Facetas essenciais do processo de socialização, da construção identitária, das formas de dominação e de resistência, enfim, da dinâmica contraditória da economia de mercado, têm origem nas situações laborais e nas relações sociais estruturais na atividade produtiva. [...] O trabalho, como ato concreto, individual ou coletivo, é, por definição, uma experiência social. Opressão e emancipação, *tripallium* (tortura) e prazer, alienação e criação são suas dimensões ambivalentes, que não se limitam à jornada laboral, mas que repercutem sobre totalidade da vida em sociedade (CATTANI, 1996, p 39)

Entende-se, portanto, que o mundo do trabalho sofre frequente modificações em suas estruturas. Mudanças essas que afetam diretamente o trabalho e, conseqüentemente, o(a) trabalhador(a). São transformações oriundas de significativas passagens históricas, como a exemplo da mudança do sistema socioeconômico feudal, para o sistema capitalista. Entranhado a essas modificações nas sociedades, surgem perspectivas de um novo sistema – o Socialismo, que, em termos gerais, apresenta ideia de igualdade (especialmente a econômica e em direitos sociais, educacionais e políticos) entre os seres humanos, de maneira que todos(as) pudessem usufruir dos mesmos direitos e obrigações, objetivando inibir tentativas de hierarquização e/ou dominação que causassem amplas desigualdades sociais. Contudo, este sistema não se consolidou com a mesma “eficiência” do sistema capitalista, que por sinal, predomina em grande parte dos sistemas econômicos e que, por consequência, continua influenciando, diretamente, na essência e nos sentidos do trabalho em termos globais.

As ideias de sentidos e fim do trabalho perpassam, necessariamente, por amplas questões subjetivas, especialmente pelas crises que envolvem o “emprego”, uma vez que o trabalho, compreendido como uma atividade vital aos seres humanos, proporciona sentidos – positivos e negativos – por essência. Estes sentidos podem estar atrelados as relações de sobrevivência, de ambição e, até mesmo, de paixão pela execução do trabalho. Entende-se, assim, que o trabalho nas sociedades modernas está, inicialmente, vinculado a necessidade de

sobrevivência, a força coercitiva de organização social e intelectual, que advém de seus resultados (com ênfase para a valorização, desvalorização e remuneração), como condições necessárias para a execução, mas também com a paixão, com os sentimentos de identificação existente entre os seres sociais com suas atividades de trabalho.

Por outro lado, as noções de fim do trabalho como categoria central das sociedades, também estão implicadas em critérios subjetivos, permeados nas relações de trabalho, com suas formas de desenvolvimentos e divisões. Proporcionando significativos questionamentos sobre o futuro do trabalho enquanto categoria predominante nas sociedades, a partir de críticas sobre seus sentidos e suas ações:

O trabalho não é mais uma atividade própria do trabalhador. Quer seja executado na fábrica ou em escritórios, na imensa maioria dos casos ele é uma atividade tornada passiva, pré-programa, totalmente submetida ao funcionamento de um aparelho e que não dá lugar à iniciativa pessoal. Nem se coloca mais, para o trabalhador, a questão de se identificar com “seu” trabalho ou com sua função no processo de produção. Tudo parece acontecer fora dele. O próprio “trabalho é uma certa quantidade de atividade reificada que vem de encontro ao trabalhador e o submete. (GORZ, 1982, p. 86, grifo nosso)

Tanto os debates sobre sentidos, como sobre o fim do trabalho (enquanto categoria fundante e renovadora da vida social), apresentam em direcionamentos amplos algumas perspectivas norteadoras, como as crises socioeconômicas, a desvalorização do trabalho e do(a) trabalhador(a), somadas as transformações sociais e econômicas:

Particularmente nas últimas décadas a sociedade contemporânea vem presenciando profundas transformações, tanto nas formas de materialidade quanto na esfera da subjetividade, dadas as complexas relações entre essas formas de *ser e existir* da sociabilidade humana. A crise experimentada pelo capitalismo, bem como suas repostas, das quais o neoliberalismo e a reestruturação produtiva da era da acumulação flexível são expressão, têm acarretado entre tantas consequências, profundas mutações no interior do mundo do trabalho. Dentre elas podemos inicialmente mencionar o enorme desemprego estrutural, um crescente contingente de trabalhadores em condições precarizadas, além de uma degradação que amplia, na relação metabólica entre homem e natureza, conduzida pela lógica societal voltada prioritariamente para a produção de mercadorias e para a valorização do capital (ANTUNES, R., 2009, p. 17)

Nas sociedades modernas – contemporâneas –, discute-se novas configurações e estruturas de trabalho, buscando argumentasse sobre cenários que proporcionem melhores condições de trabalhos. Essa busca por melhorias, por direitos vinculam-se a teorias e leis que nem sempre cumprem as reivindicadas sobre “boas condições” e direitos de vida no trabalho, que mascaram a supervalorização do capital, privilegiasse o(a) proprietário(a), o lucro em relação às condições melhores de trabalho, deixando o(a) trabalhador(a) como um(a) refém do trabalho, uma vez que:

O trabalhador se torna tanto mais pobre quanto mais riqueza produz, quanto mais a sua produção aumenta em poder e extensão. O trabalhador se torna uma mercadoria⁶ tão mais barata quanto mais mercadorias cria. Com a valorização do mundo das coisas (*Sachenwelt*) aumenta em produção direta a desvalorização do mundo dos homens (*Menschenwelt*). O trabalho não produz somente mercadorias; ele produz, de fato, mercadorias em geral. (MARX, 2008, p. 80)

No entanto, mesmo em cenários totalmente desfavoráveis em relação boas condições, estruturas e direitos de trabalho, os(as) trabalhadores(as) e as organizações ainda dialogam – principalmente os(as) primeiros(as) – em busca de melhores cenários de trabalho (remuneração, carga de trabalho, lazer, qualificação, aposentadorias, etc.), a partir de aspectos positivos, como a exemplo da busca pela qualidade de vida dos(as) trabalhadores(as):

Qual é a organização que não gostaria de ser o melhor lugar para se trabalhar? E qual é a pessoa que não gostaria de trabalhar em uma organização que fosse excepcionalmente bacana nesse aspecto? Qualidade de vida implica criar, manter e melhorar o ambiente de trabalho seja em suas condições físicas – higiene e segurança – seja em suas condições psicológicas e sociais. Tudo isso redundando em um ambiente de trabalho agradável e amigável e melhora substancialmente a qualidade de vida das pessoas na organização. (CHIAVENATO, 2009, p. 334)

Este fato também contribui para redefinições e reconfigurações sobre os sentidos e finalidades do trabalho, tanto por aspectos negativos, quando se pensa na exploração dos(as) trabalhadores(as), como em aspectos positivos, na luta e conquistas por direitos de trabalho nas chamadas sociedades modernas, sociedades de grandes mudanças, especialmente promovidas pela ascensão do capitalismo, enquanto um sistema socioeconômico – com forte influência política, cultural e educacional – que predomina em grande parte das sociedades.

1.1.3. A divisão social e sexual do trabalho

O trabalho, sendo uma das atividades vitais para a existência e sobrevivência humana, apresenta múltiplas funções⁷, faces e ramificações. Um de seus desdobramentos analíticos é a Divisão do Trabalho, que pode ser subdividida em caráter social, sexual, técnica, espacial e, até mesmo, intelectual – sendo que estas subdivisões estão interligadas por essência. Suas origens

⁶ A mercadoria é, antes de tudo, um objeto externo, uma coisa que, por meio de suas propriedades, satisfaz necessidades humanas de um tipo qualquer. A natureza dessas necessidades – se, por exemplo, elas provêm do estômago ou da imaginação – não altera em nada a questão. Tampouco se trata aqui de como a coisa satisfaz a necessidade humana, se diretamente, como meio de subsistência [*Lebensmittel*], isto é, como objeto de fruição, ou indiretamente, como meio de produção. (MARX, 2017, p.113)

⁷ A palavra função é empregada de duas maneiras bastante diferentes. Ora designa um sistema de movimentos vitais, fazendo-se abstração das suas consequências, ora exprime a relação de correspondência que existe entre esses movimentos e algumas necessidades do organismo. (DURKHEIM, 2010, p. 13)

e representações estão associadas a momentos originários da história dos grupos humanos, mas que também se aplicam nas atividades animais, seja por instintos naturais de sobrevivência, seja para suprir necessidades emergenciais, individuais e/ou coletivas dos seres humanos:

Conquanto a divisão do trabalho não date de ontem, foi só no fim do século passado que as sociedades começaram a tomar consciência dessa lei, que até então, elas suportavam quase sem saber. Sem dúvida, desde a Antiguidade, vários pensadores perceberam sua importância; mas foi Adam Smith o primeiro a tentar teorizá-la. Foi ele, aliás, o criador dessa palavra, que a ciência social emprestou mais tarde à biologia. Hoje, esse fenômeno generalizou-se a tal ponto que salta aos olhos de todos. Não há mais ilusão quanto às tendências de nossa indústria moderna; ela vai cada vez mais no sentido dos mecanismos poderosos, dos grandes agrupamentos de forças e capitais e, por conseguinte, da extrema divisão do trabalho. Não só no interior das fábricas, as ocupações são separadas e especializadas *ad infinitum*, como cada manufatura é, ela mesma, uma especialidade que supõe outras [...] (DURKHEIM, 2010, p. 01-02)

Justifica-se a divisão do trabalho como forma de melhorar as funções e os desempenhos provenientes do trabalho, uma vez que esta divisão proporciona “melhores distribuições de tarefas e conhecimentos”, inclusive podendo proporcionar qualificação/especialização – seja por meio da frequência na qual se desenvolve determinado trabalho, seja por meio da capacidade de assimilação/reprodução – dos indivíduos destinados a determinadas funções.

No entanto, a mesma divisão que, em tese, facilita e especializa o trabalho, também pode (re)produzir pré-conceitos e estereótipos veementemente excludentes, assim, podendo estigmatizar⁸ os trabalhadores e trabalhadoras no decorrer e na execução de processos de divisão e subdivisão do trabalho. A exemplo:

A divisão do trabalho alcança um patamar superior quando se separam o trabalho manual do trabalho intelectual. Este último passa a ser função privilegiada de certo segmento da classe dominante, o qual se dedica a pensar. A tarefa exclusiva de pensar se enobrece, enquanto se envilecem aos indivíduos das classes dominadas e exploradas. (GORENDER, 1998, p. XXVIII-XXIX)

Entendendo a divisão do trabalho nas sociedades como uma ação (necessária) permeada por aspectos negativos e positivos, que determinam funções, que possuem características e essenciais, identificam-se especificidades neste processo, como as divisões sociais e sexuais.

Um exemplo massivo da divisão social do trabalho está nas sociedades [solidariedades] orgânicas (Durkheim, 2010), em que predominam as ações individuais, mas com relações cotidianas de maneira interdependente, com poucos laços afetivos – diferente das sociedades

⁸ Referência à Erving Goffman (2008): a pessoa estigmatizada (ou o estigma em si) representa um sinal de negação à identidade social.

[solidariedade] mecânicas ou simples (Durkheim, 2010) que se configuram em laços de caráter comunitários – norteadoras de relações individuais desenvolvidas por agentes que circulam por diversos em grupos sociais. Por conceituação:

A divisão social do trabalho é o processo pelo qual as atividades de produção e reprodução social diferenciam-se e especializam-se, sendo desempenhadas por distintos indivíduos ou grupos. Toda e qualquer sociedade comporta uma divisão do trabalho, tanto mais extensa e profunda quanto mais desenvolvida ela for. Essa divisão pode estar fundamentada nas características biológicas dos indivíduos, distribuindo-as as atividades de acordo com o sexo e a idade, e essa parece ser sua forma mais geral e recorrente, definida como divisão natural do trabalho. Em sociedades mais desenvolvidas e mais complexas, a divisão do trabalho também é mais complexa, e as atividades são mais especializadas, separando-se: as atividades praticadas na cidade daquelas exercidas no campo; atividades manuais; atividades intelectuais de atividades simples. A essa divisão do trabalho, corresponde uma hierarquização das pessoas e grupos, segundo as atividades a que se dedicam, ordem que se expressa em diferenças e desigualdades sociais. (HOLZMANN, 2011, p. 125)

Neste sentido, a divisão social do trabalho representa grande relevância em análises socioantropológicas, uma vez que ela também determina comportamentos, (re)produções e utilização de espaços, planejamentos e técnicas, possibilita a separação entre trabalhos manuais e trabalhos intelectuais. Por isso, em sentido amplo entende-se que:

Nada, à primeira vista, parece tão fácil como determinar o papel da divisão do trabalho. Acaso seus esforços não são conhecidos de todos? Por aumentar ao mesmo tempo a força produtiva e a habilidade do trabalhador, ela é condição necessária do desenvolvimento intelectual e material das sociedades; é a fonte da civilização. Por outro lado, como se presta de bom grado à civilização um valor absoluto, sequer se pensa em procurar outra função para a divisão do trabalho. (DURKHEIM, 2010, p. 14)

A divisão do trabalho no interior de uma nação leva, inicialmente, à Separação entre o trabalho industrial e comercial, de um lado, e o trabalho agrícola, de outro, e, com isso, à separação da cidade e do campo e à oposição entre os interesses de ambos. Seu desenvolvimento posterior leva à separação entre trabalho comercial e [trabalho] industrial. Ao mesmo tempo, por meio da divisão do trabalho no interior desses diferentes ramos, desenvolvem-se diferentes subdivisões entre os indivíduos que cooperam em determinados trabalhos. A posição dessas diferentes subdivisões umas em relação às outras é condicionada pelo modo como são exercidos os trabalhos agrícola, industrial e comercial (patriarcalismo, escravidão, estamentos, classes). As mesmas condições mostram-se no desenvolvimento do intercâmbio entre as diferentes nações. [...] As diferentes fases de desenvolvimento da divisão do trabalho significam outras tantas formas diferentes da propriedade; quer dizer, cada nova fase da divisão do trabalho determina também as relações dos indivíduos uns com os outros no que diz respeito ao material, ao instrumento e ao produto do trabalho. (MARX, 2007, p. 85)

Por outro lado, apresentando certos graus de semelhança com a divisão social, uma importantíssima divisão do trabalho – a divisão sexual nas sociedades –, é percebida, inicialmente, a partir de questões relacionadas a fatores “genéticos”, incluindo características físicas e concepções ideológicas, a partir da relação dual entre “masculino e feminino”. Seja

por disputas de posições de poder, seja pela manutenção de status sociais, políticos e econômicos. E, por isso necessita de cuidados na idealização de análises, para que não se propague concepções e cenários excludentes e/ou de desigualdades sociais.

Seguindo esta perspectiva, a divisão sexual do trabalho configura-se também por condições e relações entre complexidades e relevâncias analíticas, uma vez que envolvem fatores históricos vinculados as questões de separação/segregação entre gêneros e, até mesmo, preconceitos de cunho sexual como, por exemplo, na histórica desigualdade salarial entre mulheres e homens, sendo que ambos podem desempenhar as mesmas funções – os mesmos trabalhos –, privilegiando e reproduzindo os papéis e os espaços de dominação do masculino sobre o feminino. Sendo assim:

A divisão sexual do trabalho diz respeito à separação e distribuição das atividades de produção e reprodução sociais de acordo com o sexo dos indivíduos. Essa é uma das formas mais simples e, também, mais recorrentes de divisão social do trabalho. Qualquer sociedade tem definidas, com mais ou menos rigidez e exclusividade, esferas de atividades que comportam trabalhos e tarefas considerados apropriados para um ou outro sexo. Tradicionalmente, a esfera feminina restringiu-se ao mundo doméstico privado, da produção de valores e uso para o consumo do grupo familiar, da reprodução da espécie e do cuidado das crianças, dos velhos e dos incapazes, enquanto que as atividades de produção social e de direção da sociedade, desempenhadas no espaço público, era atribuições masculinas. A distribuição entre trabalho de homens e trabalho de mulheres já foi considerada como expressão de atributos e capacidades inatas aos indivíduos, diferentes em homens e em mulheres. Argumentos de ordem biológica serviram como justificativa da divisão sexual do trabalho, legitimando-a como um processo natural. Estudos comparativos de sociedades culturalmente distintas demonstram a improbabilidade desses argumentos ao revelarem que os supostos “dons naturais” atribuídos aos homens e às mulheres não são similares em contextos culturais diferentes. Os estereótipos do “ser homem” e “ser mulher”, que sustentam e legitimam a divisão sexual do trabalho, são construções culturais particulares e de conteúdos concretos e simbólicos específicos muito diversificados, comportando uma grande variedade de arranjos na determinação das funções, tarefas e trabalhos que devem ser desempenhados por homens ou por mulheres. (HOLZMANN, 2011, p. 125)

Seguindo estas perspectivas, pode-se compreender que as divisões do trabalho estão presentes nas mais diversificadas categorias existentes sobre no mundo do trabalho. Essas divisões são, comumente, justificadas a partir de diversas ordens e estruturações sociais, que seguem tanto em relação a aspectos que atendem os preceitos da organização social, como de iniciativas relacionadas ao caráter de discriminação e/ou atribuição vinculadas aos gêneros e a sexualidades dos seres humanos.

Essas divisões também são justificadas a partir da lógica da produção, uma vez que a distribuição de tarefas, sendo para um ou para vários seres humanos, proporciona ainda mais velocidade na execução da atividade de trabalho, o que provavelmente irá agilizar a produção e os resultados esperados pelo exercício do trabalho.

1.2. O Trabalho Docente e o Trabalho Pedagógico: uma questão de identidade?

Mediante as diversas concepções apresentadas sobre o exercício das atividades de trabalho, junto a uma breve perspectiva de processo histórico, considera-se que o trabalho como uma atividade essencial para a vida humana, possui diversas ramificações, dentre essas ramificações está o Trabalho Docente – enquanto um dos grandes exemplos (valorizado ou não), que se faz presente em sistemas sociais, que são fortemente representados pelas lógicas existentes no mundo trabalho.

1.2.1. O trabalhador docente e o fazer pedagógico: da identidade a precarização

O trabalho docente é uma das categorias de trabalho que possuem grande relevância para os contextos socioeducacionais, tendo em vista que o(a) docente – junto com os(as) alunos(as) – é um ator social de extrema importância para a instituição escola, sendo também um dos principais responsáveis pelo desenvolvimento do processo de ensino e aprendizagem. Assim, apresentam-se perspectivas conceituais sobre esta categoria de trabalho:

Definimos o trabalho docente como uma atividade laboral que requer habilidades, competências e qualificações ligadas às interações humanas, à capacidade de contextualização do saber dialógico, aos territórios, à recusa de dicotomização entre o fazer e o pensar, em suma uma ação focada na ressignificação constante da prática e da teoria. Evita-se qualquer binarismo na compreensão do trabalho docente: ação e pensamento; dimensão intelectual e manual; conteúdo e forma; perspectiva material ou imaterial. O labor docente é tudo isso, além de uma ação com, para, sobre, entre e por outros sujeitos: os educandos. (GODINHO, 2019, p. 18)

O trabalho docente concebido como uma *unidade* é considerado em sua totalidade que não se reduz à soma das partes, mas sim em suas relações essenciais, em seus elementos articulados, responsáveis pela sua natureza, sua produção e seu desenvolvimento. A análise do trabalho docente, assim compreendido, pressupõe o exame das relações entre as condições subjetivas – formação do professor – e as condições objetivas, entendidas como as condições efetivas de trabalho, englobando desde a organização da prática – participação no planejamento escolar, preparação de aula etc. – até a remuneração do professor [...] (BASSO, 1998, p. 02)

A docência, como qualquer trabalho humano, pode ser analisada inicialmente como uma atividade. Trabalhar é agir num determinado contexto em função de um objetivo, atuando sobre um material qualquer para transformá-lo através do uso de utensílios e técnicas. No mesmo sentido, ensinar é agir na classe e na escola em função da aprendizagem e da socialização dos alunos, atuando sobre sua capacidade de aprender, para educá-los com a ajuda de programas, métodos, livros, exercícios, normas, etc. (TARDIF, 2014, p. 49)

Neste sentido, compreende-se que o trabalho docente não é apenas uma forma qualquer de trabalho, uma vez que está diretamente envolvido com circunstâncias que estão para além das necessidades de sobrevivência humana, tendo em vista o fato de ser uma atividade permeada por significados, planejamentos pessoais e impessoais, organização institucional e

fonte de contribuição expressiva para a formação intelectual de seres humanos. Seguindo esta perspectiva, enfatizamos que o trabalho docente é nitidamente relacionado a diversos fatores e características específicas. Dentre esses elementos, pode-se destacar a identidade do trabalho docente, como a exemplo da atuação dos(as) docentes que exercem seus trabalhos na educação de nível superior:

De que modo os professores do ensino superior se identificam profissionalmente? Um físico, um advogado, um médico, um geógrafo, um engenheiro, por exemplo, que dão aulas no ensino superior, convocados a preencher uma ficha de identificação qualquer, como se identificariam profissionalmente? Podemos imaginar algumas possibilidades: *físico, advogado, médico, geógrafo, engenheiro*, simplesmente; ou seguido de *professor universitário*; ou, ainda, simplesmente como *professor universitário*. (PIMENTA, 2014, p. 35)

Assim, considera-se a existência de diversos elementos que estão diretamente vinculados a identidade docente, que podem desenvolver significativos desdobramentos com o mundo do trabalho, mediante o fato do trabalho executado pelo(a) professor(a) emergir a partir de fatores cruciais, como nas relações de trabalho e emprego e o fazer/trabalho pedagógico enquanto práticas educativas voltadas as relações de ensino e aprendizagem.

Além das breves perspectivas sobre alguns fatores vinculados a identidade docente, apresenta-se outro ponto primordial ao trabalho docente que, conseqüentemente, necessita ser destacado: a precarização de seu trabalho. A precarização do trabalho docente “refere-se a mudanças marcadas por características com conotações negativas no conjunto do exercício da função docente” (MARIN, 2010, p. 01). Essa precarização também está amplamente relacionada as condições de trabalho – especialmente as estruturas físicas, ao planejamento e organização e valorização/remuneração condizente com suas funções – e ao reconhecimento do professor(a) enquanto um trabalhador(a) merecedor de reconhecimento, respeito e dignidade, o que expressa significativamente a importância para o desenvolvimento social, educacional e político do(a) docente, enquanto um agente sociopolítico da educação e do meio social.

A precarização do trabalho docente é, muitas vezes, compreendida como um dos principais fatores de adoecimento e de desestímulo ao prosseguimento na carreira de professor, independentemente do nível educacional e na formação de novos professores, uma vez que esta vertente do trabalho docente apresenta diversos pontos negativos acerca da elaboração e execução dessa atividade de trabalho humano. Nessa perspectiva, tanto as noções sobre a identidade, como a precarização do trabalho docente demonstram que essa atividade de trabalho não se desenvolve apenas de pontos positivos e negativos, mas também a partir de pontos fundamentais de análise, como a valorização e ressignificação deste trabalhador:

Acostumados a um trabalho bem definido – o ensino, a transmissão de conhecimentos –, os professores se vêm diante de uma situação totalmente nova; embora muitas vezes reconheçam a necessidade de redimensionar o seu trabalho e buscar novas bases para o ensino, via de regra encontram-se despreparados, mal informados e sem condições de, sozinhos, enfrentarem tantos desafios. As pressões são muitas e elas vêm de vários fatores: de um lado, dos pais, que, por não compreenderem exatamente o que está acontecendo, exigem do professor respostas que ele não está preparado para dar; de outro, da sociedade, que o responsabiliza por todos os males sociais, exigindo do professor e da escola soluções para os inúmeros problemas sociais. E assim, o professor acaba se tornando o "bode expiatório" de todo o insucesso e incapacidade escolares. Por outro lado, isso tudo acaba gerando no professor um sentimento de culpa que irá constituir-se em um elemento a mais para que ele perca a sua identidade. (ALONSO, 2003, p. 11)

Em termos gerais, mesmo que a profissão de docente – o trabalho docente – apresente a partir de muitos elementos que, veementemente, levam tanto ao desestímulo (com ênfase para os aspectos negativos), como a resignificação (em aspectos positivos), o trabalho docente é uma das principais categorias de trabalho existentes na contemporaneidade, especialmente pelo fato de este trabalhador – junto ao exercício de suas atividades de trabalho – ser o(a) responsável pela formação (intelectual, profissional e técnica) de vários outros trabalhadores.

A partir das perspectivas e conceituações apresentadas sobre o Mundo do Trabalho e seus desdobramentos, podemos entender estas categorias como centrais nas análises sociais, como elementos que contribuiram e, ainda, contribuem significativamente para a constituição das sociedades contemporâneas, seja por meio de análises comparativas, ou por deduções. Sendo assim, o Trabalho configura-se como elemento constituinte da sociedade, tanto a partir de ideias formativas de um grande conglomerado sistêmico, ou como uma categoria sujeita a reformulações, subdivididas por múltiplos eixos e aspectos sociais, culturais, políticos, econômicos e educacionais.

2. A SOCIOLOGIA ENQUANTO CIÊNCIA SOCIAL E A DOCÊNCIA EM SOCIOLOGIA MEDIANTE AS REFORMAS EDUCACIONAIS

2.1. O que é Sociologia?

A Sociologia é uma ciência relativamente nova, se levarmos em conta que ela passa a ser considerada a partir da Revolução Francesa^[9], concomitante com a Revolução Industrial^[10], por volta do ano de 1750, em meio a uma mudança paradigmática com o Iluminismo^[11]. (APPIO, 2013, p. 32)

A Sociologia é considerada, historicamente, como uma das Ciências Sociais – ciências que estudam, direta ou indiretamente, as sociedades. Assim, esta ciência apresenta diversos mecanismos e perspectivas de análise social, sendo que cada uma dessas formas de análises, possuem elevados níveis de complexidade, como, a exemplo, da análise social sobre determinados sistemas educacionais de distintos grupos sociais, ou ainda, sobre as relações de trabalho (e seus desdobramentos) em determinadas sociedades. Essas complexidades, fazem da sociologia uma ciência ampla, especialmente por não apresentar uma única maneira ou fórmula para o desenvolvimento e manutenção dos estudos sociais.

Neste sentido, entende-se a Sociologia como uma ciência extremamente diversificada, e por isso, considera-se a existência de diversos fatores, contextos e possibilidades para se vislumbra a elaboração de conceitos que estabeleçam tentativas reais e satisfatórias mediante a resolução sobre o seguinte questionamento: “*O que é Sociologia?*”. Conceituações como: “A sociologia é o estudo dos homens em interdependência (GALLIANO, 1981, p. 05) e/ou “A Sociologia trata de explicar a ordem e a desordem social” (GALLIANO, 1981, p. 16), são consideradas plausíveis, uma vez que apresentam elementos essenciais que podem ser vinculados estudos sociais – sociológicos. Contudo, esses conceitos não correspondem mais, em suas totalidades, a uma definição unânime sobre esse questionamento, pois também se entende que em outras ciências – cada uma com suas especificidades – existem definições relacionadas as ciências que estudam as relações humanas por interdependência e/ou que explicam a ordem e desordem social, como por exemplo, a Antropologia, a Política, a

⁹ Movimento revolucionário responsável por diversas transformações sociais – como o fim do absolutismo francês –, motivado por grandes confrontações políticas, ideológicas e econômicas existentes na França do século XVIII.

¹⁰ Revolução Industrial. Nome dado ao conjunto de transformações sociais, econômicas e tecnológicas que ocorreram com o desenvolvimento da industrialização na Europa no século XVIII. (COSTA, 2010, p. 24)

¹¹ A Ilustração, movimento filosófico que sucedeu o Renascimento, baseava-se na firme convicção da razão como fonte de conhecimento, na crítica a toda adesão obscurantista e toda crença sem fundamentos racionais e também na incessante busca pela realização humana. (COSTA, 2010, p. 23)

Psicologia e a Geografia. Assim, identifica-se a necessidade de compreender que não existe uma única, ou, melhor forma de responder este questionamento, tendo em vista que existem múltiplas respostas – cada uma em contextos diferentes – para o significado de Sociologia.

Seguindo esta perspectiva, busca-se elencar e apresentar conceitos diversificados que podem responder, em termos gerais, “*o que é sociologia?*”, como a exemplo:

A sociologia é uma forma de saber científico originada no século XIX. Como qualquer ciência, ela não é fruto do mero acaso, mas responde às necessidades dos homens de seu tempo. Portanto, a sociologia tem também as suas causas históricas e sociais. Compreender o contexto no qual a sociologia nasceu é fator fundamental para se entender as suas características atuais. (SELL, 2001, p. 08)

A sociologia é o estudo da vida e comportamento social, sobretudo em relação a sistemas sociais, como eles funcionam, como mudam, as consequências que produzem e sua relação complexa com vida de indivíduos. O termo foi usado pela primeira vez por Auguste COMTE. Desde o início, a sociologia tem sofrido de uma espécie de crise de identidade, refletida em suas muitas definições. A disciplina é muitas vezes descrita como o “estudo da sociedade”, mas essa definição exclui a vasta maioria de vida social que ocorre em sistemas muito menores do que sociedades. Estudos de grupos, empresas, salas de aula e famílias disfuncionais estão todos, em última hipótese, ligados à sociedade, embora possamos formular numerosas perguntas sobre eles, sem jamais nos referimos ao maior dos sistemas sociais nos quais eles se encartam. Na outra extremidade do espectro, é ouvida a objeção de que problemas cada vez mais interessantes ocorrem em níveis amplos do que em sociedades, em níveis que abrangem sistemas econômicos e políticos mundiais. A sociologia poderia também ser definida como o estudo do comportamento social. Contudo, como só há um faixa pequena de comportamento humano que não pode ser interpretado como social, em certo grau, essa definição confunde a sociologia com a psicologia [...]” (JOHNSON, 1997, p. 217)

A **sociologia** é uma ciência que estuda os fatos sociais, com a finalidade de explicar a **sociedade** e viabilizar a resolução de problemas da vida social. Explicitado de outro modo, entende-se sociologia como a ciência que estuda as relações sociais e as formas de associação ou de agrupamento social. Vale destacar que existem comportamentos estritamente individuais, como andar e dormir, que são objeto de estudo das ciências biológicas. Por outro lado, há comportamentos essencialmente sociais, como educar filhos, vestir-se, participar de reuniões, casar-se, comemorar aniversários, estudar, entre muitos outros presentes no cotidiano. (SOUZA, 2017, p. 12, grifo do autor)

A partir destes conceitos, é possível compreender que a Sociologia é uma ciência que estuda as relações sociais e seus múltiplos desdobramentos, a exemplo: dos comportamentos humanos por interdependência, relações de poder, problemas sociais e demandas sociopolíticas. Tendo em vista que é plausível afirmar, em sentido amplo, que “esta ciência, mais que em outras humanas, é estabelecida por fatos relacionais. Ela faz em todas as situações relações com outros assuntos da História, Geografia, Filosofia. É integradora, inclusiva, e propõe-se a ser imparcial. Esta imparcialidade depende das concepções de sociedade dos diferentes autores” (APPIO, 2013, p. 24). Neste sentido, identifica-se a riqueza conceitual, com bases históricas, que envolve a essência da sociologia e, por isso:

A sociologia constitui um projeto intelectual tenso e contraditório. Para alguns ela representa uma poderosa arma a serviço dos interesses dominantes, para outros ela é a expressão teórica dos movimentos revolucionários [...] A sua posição é notadamente contraditória. De um lado, foi proscrita de inúmeros centros de ensino. Foi fustigada, em passado recente, nas universidades brasileiras, congelada pelos governos militares argentino, chileno e outros do gênero. (MARTINS, 2003, p. 07)

A sua formação constitui um acontecimento complexo para o qual concorrem uma constelação de circunstâncias, históricas e intelectuais, e determinadas intenções práticas. O seu surgimento ocorre num contexto histórico específico, que coincide com os derradeiros momentos da desagregação da sociedade feudal e da consolidação da civilização capitalista. A sua criação não é obra de um único filósofo ou cientista, mas representa o resultado da elaboração de um conjunto de pensadores que se empenharam em compreender as novas situações de existência que estava em curso. (MARTINS, 2003, p. 10-11)

Mediante estas perspectivas conceituais, é possível definir a Sociologia – de maneira parcial, tendo em vista a argumentação inicial de que não há uma unanimidade sobre suas conceituações desta ciência social – como a ciência que estuda as sociedades suas relações sociais, sejam elas individuais e/ou coletivas, permeadas de reciprocidades e, que envolvem seguimentos precisos, como as necessidades materiais e os fatos e as ações sociais.

2.1.1. A consolidação como uma das Ciências da Sociedade

A sociologia também é denominada de ciência da sociedade por conta de seus estudos e pensadores (clássicos e contemporâneos) serem pioneiros em relação a crítica de problemas sociais e das formas de vida baseadas nas superioridades/desigualdades sociais, tendo em vista que ela “[...] surgiu precisamente como alternativa crítica a essa concepção da vida social [...]” (DOMINGUES, 2014, p. 13). Assim, a sociologia consolida-se como ciência a partir de formulações e estudos científicos – em sua maioria com grande precisão e, conseqüentemente, com forte contribuição para as ciências sociais contemporâneas –, uma vez que esta ciência “[...] é uma atividade puramente especulativa e tampouco o simples reflexo da vida social e política de uma dada época ou coletividade [...]” (CUIN, 1994, p. 19), haja vista que ela “[...] engloba um conjunto disciplinado de práticas, mas também representa considerável corpo de conhecimento acumulado ao longo da história [...]” (BAUMAN, 2010, p. 11). Mediante essas perspectivas, considera-se, com grande relevância que:

Se o contexto histórico do surgimento e da formação da sociologia coincidiu com um momento de grande expansão do capitalismo, infundido otimismo em diversos sociólogos com relação à civilização capitalista, os acontecimentos históricos que permearam o seu desenvolvimento tornaram no mínimo problemáticas as esperanças de democratização que vários sociólogos nutriram com relação ao capitalismo. O desenvolvimento desta ciência tem como pano de fundo a existência de uma burguesia

que se distancia de seu projeto de igualdade e fraternidade, e que, crescentemente, se comportava no plano político de forma menos liberal e mais conservadora, utilizando intensamente os seus aparatos repressivos e ideológicos para assegurar a sua dominação. (MARTINS, 2003, p. 72)

Com base nessas problemáticas, entende-se como fundamental para a consolidação das perspectivas que apontam a sociologia como uma das ciências das sociedades, o papel dos seus teóricos clássicos e dos cientistas sociais de maneira geral, uma vez que:

O trabalho do cientista, qualquer que seja o ramo de investigações, a que se dedique, requer certas condições especiais. Algumas dessas condições afetam, diretamente, a pessoa, o modo de ser e comportamento do cientista, pelo menos no dia a dia respeito à realização do seu *métier*. Outras condições relacionam-se com a situação do ambiente cultural e as possibilidades que ele abre à investigação científica, às aplicações das descobertas da ciência na vida prática ou na educação e ao desenvolvimento persistente de concepções racionais, calcadas nos requisitos e nos dados de saber científico. Daí decorre que não se pode conceber o *progresso da ciência* como um processo intelectual autônomo, isolado e auto-suficiente. (FERNANDES, 1986, p. 109-110)

Estes cientistas – especialmente os teóricos clássicos do pensamento sociológicos – são os principais responsáveis pelos processos de surgimento e de consolidação da Sociologia no ramo científico, haja que sem eles não seria possível, para a sociologia, prosseguir na esfera científica, indo para além das percepções do “senso comum”, como será apresentado a seguir.

2.1.2. Teóricos clássicos e suas importâncias para a Sociologia

As percepções e discussões acerca de problemas e/ou fenômenos de caráter social, cultural, econômico e político, datam de séculos anteriores ao “surgimento da sociologia enquanto ciência”. No entanto, essas análises ainda não contemplavam inteiramente os estudos sistematizados – especialmente sobre os fenômenos sociais, que nessa síntese, estão sendo relacionados ao surgimento da sociologia –, necessários ao rigor científico, impossibilitando a consolidação da sociologia a partir de um caráter técnico e científico de análise social. É, neste sentido, que apresentamos em termos gerais, 4 (quatro) teóricos que são comumente defendidos como pais fundadores¹² da sociologia: Auguste Comte (1798-1857), Karl Marx (1818-1883), Émile Durkheim (1853-1917) e Max Weber (1864-1920):

¹² É de grande importância o estudo dos autores da Sociologia, o contexto histórico, o pensamento e os valores da época em que viveram, os quais estabelecem maneiras de pensar e determinações importantes. Por estes autores, são definidos papéis específicos para cada instituição, dentro da ideologia de sociedade da época. (APPIO, 2013, p. 24)

Auguste Comte (1798-1857) é considerado pai da sociologia, mas foi Émile Durkheim (1858-1917) quem transformou essa área do conhecimento em ciência, com objeto de estudo e métodos específicos. Entretanto, não podemos deixar de mencionar as contribuições valorosas de Karl Marx, com discussões acerca da luta de classes entre burguesia e proletariado, e de Max Weber, com debates sobre o capitalismo e diálogos com a teoria marxista. (SOUZA, 2017, p. 12)

Entretanto, somente três desses teóricos mencionados anteriormente que ficaram “popularmente” reconhecimentos como pais fundadores dessa ciência – sociologia –, devido a formulação e desenvolvimento de suas percepções e estudos científicos, que apresentaram com grande coerência e solidez em relação a sistematização de análises sobre as sociedades e seus desdobramentos – fenômenos e problemáticas:

Três pensadores são considerados os fundadores da Sociologia: **Karl Marx** (1818-1883), **Max Weber** (1864-1920) e **Émile Durkheim** (1858-1917). Foram eles que deram dimensão científica à disciplina e que, de modo mais sistemático, começaram a estudar as formas de organização e as regras de funcionamento das sociedades humanas, procurando determinar as normas que regem as relações sociais, o que implicou a análise das instituições e dos comportamentos sociais, bem como da ideologia, da cultura e das relações de trabalho que se construíram no mundo capitalista. (CALBUCCI; ROCHA; CALBUCCI, 2013, p. 16, grifos dos autores)

2.1.2.1. Auguste Comte (1798-1857)

Em 19 de janeiro de 1798, nasceu na cidade de Montpellier, França, “Isidore-Auguste-Marie-Xavier Comte (a partir de 1818, passou a assinar-se Auguste Comte), primogênito de uma família católica e monarquista” (FILHO, 1983, p. 40).

Auguste Comte é, para muitos, considerado o “pai da sociologia”, por ter sido o primeiro teórico a pensar e desenvolver uma ciência (ou uma forma de conhecimento científico, tendo em vista a existência/resistência de questionamentos que criticam as formulações de Comte enquanto científicas) que vislumbrasse os estudos sociais, por meio da concepção de uma ciência com base iniciais na metodologia utilizada pelas ciências naturais – a “Física Social”:

Entendo por *Física Social* a ciência que tem por objetivo próprio o estudo dos fenômenos sociais, considerados com o mesmo espírito que os fenômenos astronômicos, físicos, químicos e fisiológicos, isto é, como submetidos a leis naturais invariáveis, cuja descoberta é o objetivo especial de suas pesquisas. Propõe-se, assim, a *explicar* diretamente com a maior precisão possível, o grande fenômeno do desenvolvimento da espécie humana, considerado em todas as suas partes essenciais; isto é, a descobrir o encadeamento necessário de transformações sucessivas pela qual o gênero humano, partindo de um estado apenas superior ao das sociedades dos grandes macacos, foi conduzido gradualmente ao ponto em que se encontra hoje na Europa civilizada. O espírito dessa ciência consiste sobretudo em ver, no estudo aprofundado do passado, a verdadeira explicação do presente e a manifestação geral do futuro. (COMTE, 1983, p. 53)

Com o conceito de Física Social, Auguste Comte proporciona os primeiros passos para que se chegasse na Sociologia moderna, mesmo que suas teorias não fossem necessariamente semelhantes as quais imperam na contemporaneidade – na Sociologia Moderna –, tendo em vista que “[...] as ideias de Comte são Produto direto de sua época, como acontece, de resto, com todos os sistemas de Filosofia [...]” (FILHO, 1983, p. 17).

Comte também é detentor de grande destaque na história dos estudos sociais, por outras concepções teóricas, com grande ênfase por ser um dos principais precursores – provavelmente o principal – do conceito de Positivismo¹³, que também é alvo de muitas críticas, mas nem todas de cunho negativo, uma vez o filosofia positiva de Auguste Comte sempre teve muitos adeptos ao longo da história. Neste sentido, pode-se afirmar que este teórico foi, nas transições de décadas, muito criticado por estabelecimento de teorias que pregavam o domínio da ciência positiva sobre as outras formas de conhecimento, especialmente por meio de estados evolutivos, mas que também deve ser reconhecido como um teórico fundamental para a transformação e/ou avanço do pensamento social, tendo em vista suas concepções de Física Social – Sociologia. Auguste Comte falece em 5 de setembro de 1857, na cidade de Paris, França.

2.1.2.2. Karl Marx (1818-1883)

Karl Heinrich Marx é um dos principais teóricos dos pensamentos: social, político e filosófico, tendo em vista que além da Sociologia, suas teorias influenciaram em diversas áreas do conhecimento humano, tais como Filosofia, Economia, Política e História: “Marx realizou várias descobertas revolucionárias, envolvendo a História, a Economia política, a Lógica, bem como outros campos das Ciências Sociais e da Filosofia” (IANNI, 1980, p. 13)

Karl Marx fez parte de um seleto grupo de teóricos que contribuíram significativamente para a construção do pensamento humanístico. Nascido em “[...] 5 de maio de 1818, nove anos depois de Darwin, cinco depois de Kierkegaard, três antes de Baudelaire e de Dostoievski, dez antes de Tolstoi. Ele nasceu na pequena cidade de Trèves, no sul da Prússia Renana, região hoje na Alemanha” [...] (KONDER, 1999, p. 11). Marx não era considerado um “sociólogo de ofício”, haja vista que ele viveu no período histórico em que a Sociologia ainda não era constituída de critérios que a caracterizasse enquanto uma ciência – melhor dizendo: a

¹³ **Positivismo:** doutrina de Auguste Comte que tinha como pressuposto abandonar qualquer perspectiva metafísica ou transcendental na análise da realidade, que deveria ser estudada a partir de um levantamento científico das leis que regem. Dessa forma, o método científico – que se caracteriza por três estágios: observação, análise e experimentação – deveria ser aplicado em todas as ações humanas. (CALBUCCI; ROCHA; CALBUCCI, 2013, p. 16, grifos dos autores)

Sociologia ainda não estava “institucionalizada na sociedade”, especialmente em instituições como as universidades/centros de ensino, que foram instituições pioneiras no processo de transformação da sociologia em estudos científicos.

As obras de Marx foram precursoras na realização de estudos concretos sobre as análises socioeconômicas relacionadas as bases materiais e as transformações históricas existentes nas sociedades. Dentre suas principais obras estão “*O Capital*” (1867) e o “*Manifesto Comunista*” (1848), que se configuram como grandes referências para os estudos sociológicos. Outro grande diferencial na vida de Karl Marx deu-se pelo fato de ter constituído uma expressiva amizade e parceria profissional/científica com outro teórico alemão, Friedrich Engels:

As obras dos alemães Karl Marx (1818-1883) e Friedrich Engels (1820-1895) constitui-se como a principal crítica já feita ao capitalismo e à sociedade que surgiu a partir de sua dominação. A influência intelectual desses autores, nascida do entrecruzamento entre a tradição filosófica, a economia política clássica e o ativismo político, foi decisiva para várias disciplinas. Indo além do âmbito do pensamento, tornou-se inspiração e bandeira para a atuação política de muitos grupos socialistas e comunistas.

Marx e Engels não se definiam como sociólogos – até porque, à época em que produziram o essencial de suas obras, a sociologia como disciplina ainda não havia se institucionalizado. Isto é, ainda não haviam sido criados os primeiros cursos e departamentos universitários, associações e revistas com esse rótulo. Eles estão, no entanto, presentes em qualquer história do pensamento sociológico pela visão crítica que desenvolveram da sociedade em que viveram e pelo impacto que tiveram em inúmeros sociólogos que se seguiram (CASTRO, 2014, p. 09).

Mesmo que Karl Marx não fosse considerado um sociólogo – semelhante a Auguste Comte –, seus estudos/teorias fazem parte da base de muitas das chamadas ciências humanas e sociais e estão presente no cerne da Sociologia, desde sua fundamentação, até a contemporaneidade. Marx faleceu em 1883, na cidade de Londres, Reino Unido, deixando um grande legado para a Sociologia, Filosofia e para as ciências humanas e sociais em geral.

2.1.2.3. Émile Durkheim (1853-1917)

David Émile Durkheim “nasceu em Épinal [França], Departamento de Vosges, que fica exatamente entre a Alsácia e a Lorena, a 15 de abril de 1858. Morreu em 1917. De família judia [...] tornou-se porém agnóstico após a ida para Paris” (RODRIGUES, 2000, p. 11). Émile Durkheim é, de fato, considerado como “o primeiro sociólogo de ofício”, uma vez que seus estudos – que vislumbravam a (re)formulação de uma ciência (a sociologia) que pudesse explicar os fenômenos e as estruturas sociais, a partir de seu principal objeto de estudo: o **Fato**

social¹⁴ – que possibilitaram a criação de ramos institucionais (especialmente o reconhecimento universitário) em relação as análises e estudos sociais. Dentre suas significativas contribuições para as ciências sociais estão as obras “*Da Divisão do Trabalho Social*”, “*As regras do método sociológico*”, “*O Suicídio – um estudo de sociologia*” e “*As formas elementares da vida religiosa*”. Cada uma dessas obras possui grande relevância para a Sociologia, especialmente “*As regras do método sociológico*”, obra em que Durkheim apresenta os métodos e o objeto de estudo da sociologia – o fato social. Nessa perspectiva, também é, por esses fatores que Émile Durkheim passou a ser considerado como um dos pais da sociologia:

O francês Émile Durkheim (1858-1917) foi um dos principais “pais fundadores” da sociologia como disciplina científica. Foi personagem fundamental de sua “institucionalização” na França – isto é, na criação, formalização e continuidade da sociologia no espaço acadêmico. Esse processo passou pela criação dos primeiros cursos, revistas e diplomas de sociologia. Durkheim ocupou a primeira cadeira universitária com esse nome (em Bordéus, 1887) e fundou, em 1896, o *L'Année sociologique* (Anuário sociológico), que se tornou a principal revista de sociologia da França, divulgando o pensamento da “escola” durkheimiana, que teve muitos discípulos. [...] Esse não foi, todavia, um processo simples nem fácil. Para fundar a disciplina na França, Durkheim precisou em primeiro lugar se diferenciar tanto de filósofos que publicaram textos a respeito do que chamaram também de “sociologia”, como Auguste Comte e Herbert Spencer, bem como disputar reconhecimento e legitimidade com contemporâneos como Gabriel Tarde e Arnold van Gennep. (CASTRO, 2014, p. 25)

Pretendendo estabelecer a sociologia como disciplina rigorosamente objetiva, Durkheim opôs-se a todas as orientações que transformavam a investigação social numa dedução de fatos particulares a partir de leis supostamente universais como a lei dos três estados de Auguste Comte. Para Durkheim, uma lei desse tipo pode ter alguma utilidade para a filosofia da história, mas não tem serventia maior para o estudo dos fatos sociais concretos. (GIANNOTTI, 1978, p. VII)

Assim, vislumbrando proporcionar caráter científico para a Sociologia, Émile Durkheim criou objetividade (métodos e objetos) para os estudos/pesquisas sociológicas, também sendo o grande responsável pela institucionalização dessa ciência nas universidades francesas e alemãs. Mas, mesmo com o reconhecimento de ter sido um dos pais fundadores da Sociologia, Durkheim também foi alvo muitas críticas, especialmente por ter sido influenciado por teorias fortemente polêmicas no âmbito pensamento social: teoria positivista (de Auguste Comte) e teoria funcionalista, que são consideradas como visões opostas as perspectivas históricas de Karl Marx, por exemplo. Ainda assim, Émile Durkheim ocupa uma das principais posições de destaque na sociologia, especialmente por ser um dos teóricos fundadores dessa ciência.

¹⁴ [...] É fato social toda maneira de fazer, fixa ou não, capaz de exercer sobre o indivíduo uma coerção exterior, ou ainda, que é geral na extensão de uma dada sociedade que tem existência própria, independente de suas manifestações individuais. (DURKHEIM, 2012, p. 40)

2.1.2.4. Max Weber (1864-1920)

“Exagerara é a minha profissão”. Essa resposta de Max Weber a um colega chocado com a sua veemência num debate que diz muito a respeito de da sua figura humana e também da sua obra. (COHN, 2003, p. 07)

Maximilian Carl Emil Weber ou, como é mundialmente (re)conhecido, Max Weber. É um dos principais pensadores (intelectuais) do século XX e com grande influência na contemporaneidade, sendo também considerado um dos pais fundadores da sociologia, enquanto ciência social moderna. Weber nasceu em Erfurt, Turíngia, em 21 de abril de 1864 e faleceu em 1920, Munique, ambas cidades pertencentes a então Alemanha.

Max Weber produziu inúmeras obras que são consideradas como clássicas, devido à grande relevância para o pensamento social, a exemplo de: “*A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo*”, “*Economia e Sociedade*” e duas conferências que se tornaram livros: “*Ciência como Vocação*” e “*Política como Vocação*”. Dentre suas diversas teorias e conceitos – que são de grande importância para a sociologia e para as ciências sociais de modo geral –, pode-se destacar o conceito de Ação Social¹⁵, que para Weber é um dos elementos, ou melhor, uma das ações que caracterizam a Sociologia. Essa caracterização é extremamente expressiva na concepção de Max Weber, tendo em vista que ele faz menção direta a noção de ação social, ao desenvolver os próprios conceitos de Sociologia:

§ 1. Sociologia (no sentido aqui entendido desta palavra empregada com tantos significados diversos) significa: uma ciência que pretende compreender interpretativamente a ação social e assim explicá-la casualmente em seu curso e em seus efeitos. Por “ação” entende-se, neste caso, um comportamento humano (tanto faz tratar-se de um fazer externo ou interno, de omitir ou permitir) sempre que e na medida em que o agente ou os agentes o relacionem com um *sentido* subjetivo. Ação “social”, por sua vez, significa uma ação que, quanto a seu sentido visado pelo agente ou os agentes, se refere ao comportamento de *outros*, orientando-se por esse em seu curso. (WEBER, 2015, p. 03)

O termo “sociologia” está aberto a muitas interpretações diferentes. No contexto usado aqui significará aquela ciência que tem como meta a compreensão interpretativa da ação social de maneira a obter uma explicação de suas causas, de seu curso e dos seus efeitos. (WEBER, 2002, p. 11)

Além de ser um grande influenciador no pensamento sociológico, Max Weber também contribuiu, diretamente, com conceitos fundamentais para os estudos de Ciência Política (com

¹⁵ A ação é definida por Weber como toda conduta humana (ato, omissão, permissão) dotada de um significado subjetivo dado por quem a executa e que orienta essa ação. Quando tal orientação tem em vista a ação - passada, presente ou futura - de outro ou de outros agentes que podem ser “individualizados e conhecidos ou uma pluralidade de indivíduos indeterminados e completamente desconhecidos” - o público, a audiência de um programa, a família do agente etc. - a ação passa a ser definida como social (QUINTANEIRO, 2002, p.104)

destaque para o conceito de Poder), para o Direito, Economia e Administração, com ênfase para as noções de Estado, racionalização e burocracia. Weber “[...] defendeu a visão de que a sociologia é uma ciência interpretativa que busca a *compreensão*, diferentemente das ciências naturais, que buscam a explicação através da descoberta de leis” (CASTRO, 2014, p. 51).

Nesse sentido, estes 4 (quatro) teóricos – Auguste Comte, Karl Marx, Émile Durkheim e Max Weber – a partir de suas riquíssimas teorias, são fundamentais, ou melhor, obrigatórios para os estudos e compreensões das bases clássicas e/ou originárias da sociologia enquanto ciência social, tendo em vista que “a sociologia clássica surgiu, então, no diálogo que os pensadores sociais da época estabelecem com sua sociedade, utilizando assim, em parte, representações sobre a vida social correntes”. (DOMINGUES, 2005, p. 11)

2.1.3. A Sociologia no mundo contemporâneo e suas subdivisões

As múltiplas perspectivas sobre a sociologia na contemporaneidade, constituíram-se para além dos clássicos conceitos vinculados a sociologia enquanto ciência da sociedade – mas isso não se torna justificativa para que ela perca a sua grande relevância e autonomia enquanto ciência de estudos sobre as relações sociais e seus múltiplos desdobramentos.

Assim, concomitante ao avanço da modernidade, junto a emergência da era contemporânea a sociologia ganhou diversas ramificações: a Sociologia do Trabalho que se preocupa com os estudos sobre a mundo do trabalho e suas relações; Sociologia da Educação caracterizada pela ênfase em problemáticas críticas e pedagógicas voltadas a Educação; Sociologia Rural que trabalha situações específicas do meio rural (ex: conflitos agrários); Sociologia Urbana dialoga com eixos da vida na cidade; Sociologia da Cultura que foca em grandes temáticas das culturas, como a indústria cultural; Sociologia dos Objetos que elabora estudos sobre as representações dos objetos para a vida humana; a Sociologia dos Movimentos Sociais que apresenta relações diretas dos estudos sobre política e demandas sociais, dentre outras ramificações:

A diversidade de transformações que estão ocorrendo na sociedade contemporânea implica, por parte dos sociólogos, a necessidade de rever crítica e constantemente suas preferências teóricas e metodológicas e indagar sobre o grau de pertinência do arsenal teórico que vem informando seu olhar sobre a vida social e as análises realizadas sobre os sistemas de ensino. Na avaliação de diversos autores, a sociologia encontra-se diante de vários percalços para enfrentar os desafios do tempo presente, tais como proliferação de subdisciplinas no interior da sociologia, fragmentação a sociologia em temáticas cada vez mais particularizadas, proliferação de estudos desconectados uns dos outros, negligência de reflexão teórica nos trabalhos empíricos, multiplicação de discursos metateóricos e/ou metametodológicos abstratos, os quais pouco contribuem para o avanço de investigação (MARTINS, 2012, p. 122).

Mediante esses fatos, pode-se afirmar que a sociologia especializou-se a partir da divisão por subárea ou subdisciplinas. Isso possibilita duas perspectivas de análises: 1) positiva: tendo em vista que a sociologia refina seus estudos de maneira a ter possibilidades de aprimoramento dos resultados, ainda assim, 2) negativa: essa especialização também podem proporcionar aspectos negativos, haja vista que se pode gerar “limitações” aos estudantes e/ou pesquisadores(as) que empenham-se em somente uma área de estudos sociológicos, podendo assim, perder propriedade em outras importantes áreas dos estudos sociais.

Em termos gerais, os avanços da sociologia na contemporaneidade demonstraram que está ciência tem se especializado cada vez mais em seus diversos ramos de ação e reflexão. Esse fato fomenta novas oportunidades, novas perspectivas de análise sobre mundo e/ou a realidade social, deixando um pouco no passado – sem nenhum desmerecimento e/ou desvalorização – a visão clássica de que a sociologia é somente a ciência dos fatos e das ações sociais ou avanço das relações materiais nas sociedades. Assim, a sociologia contemporânea emerge a partir de gradativas transformações ocorridas nos estudos sociológicos e, obviamente, nas sociedades.

2.2. Sociologia enquanto componente curricular da educação básica

2.2.1. Breves perspectivas sobre a presença da Sociologia no Ensino Médio

Neste subtema, não há a pretensão de realizar uma longa discussão ou, até mesmo, realizar tentativas de esgotar a temática histórica da sociologia na educação básica, tendo em vista o foco central sob o trabalho do docente de sociologia. Ainda assim, vislumbrou-se a necessidade de iniciar uma breve abordagem sobre esta temática, uma vez que o cenário atual da sociologia na educação básica encontra-se sob forte pressão e desvalorização, mediante as perspectivas de retirada da disciplina de sociologia da educação básica, semelhante a outros momentos históricos identificados ao longo dos percursos percorridos por esta ciência.

Assim, “descrever a trajetória histórica de uma disciplina no Brasil constitui-se tarefa árdua, ainda mais se tratando da sociologia, disciplina que ficou marcada pela presença e ausência da obrigatoriedade no currículo escolar” (CIGALES, 2014, p. 50). A partir desta concepção e, ciente de que a Sociologia é, comumente, descrita como uma ciência nova, sendo que suas origens estão vinculadas às grandes transformações ocorridas nas sociedades, conforme apresentado anteriormente, compreende-se que o fato de ser considerada como uma ciência relativamente nova, proporcionou a ela, significativos quadros de desconfiança, rejeição e/ou expectativas nas tentativas de incorporação desta ciência no ensino médio brasileiro:

A sociologia foi recebida, no Brasil, como “novidade” intelectual, simultaneamente à sua criação na sociedade europeia. Faz parte do processo da vida literária de povos culturalmente muito dependentes manter um intercâmbio excitado com os centros estrangeiros de produção intelectual. As “novidades” assinaláveis tornam-se rapidamente conhecidas, ainda que não fossem reelaboradas de uma forma autônoma. O destino do saber acumulado, desse modo, se regulava pelos padrões de vida literária que faziam dele, estritamente, uma forma de ilustração e um meio de alcançar notoriedade em círculos letrados. (FERNANDES, 1980, p. 26 *apud* CIGALES, 2014, p. 53)

A presença ou a ausência da Sociologia neste nível de ensino sempre esteve atrelada a determinados atores na cena política. O período de institucionalização, no início da República brasileira, datada de 1891, se deu por influência do historiador Benjamin Constant, então Ministro da Instrução Pública, Correios e Telégrafos de Floriano Peixoto, que propôs uma reforma de ensino na qual a Sociologia se introduzia como disciplina obrigatória não somente nos cursos superiores, mas também nos secundários. (SOUSA, 2016 *apud* SOUSA; VIERA, 2017, p. 485).

A partir desse momento histórico, a Sociologia passou a figurar nas discussões para se tornar parte integrante dos parâmetros curriculares, conhecidos hoje por Ensino Médio. Porém, dada a sua morte, no mesmo ano da implantação dos currículos, a reforma por ele proposta não se efetivou na prática e o ensino de Sociologia foi deixado de lado sem que sua inclusão tivesse se consolidado. A Sociologia somente voltaria ao ensino secundário em 1925, quando a Reforma de João Luís Alves-Rocha Vaz incluiu a Sociologia no currículo como disciplina obrigatória nas escolas secundárias, na sexta série ginásial cursada por alunos que desejavam o diploma de bacharel em Ciências e Letras. Ainda em 1925, por iniciativa de “Fernando de Azevedo, o Colégio Pedro II, do Rio de Janeiro, se torna a primeira escola brasileira a introduzir Sociologia como disciplina, no nível médio, sendo Delgado de Carvalho o professor encarregado de lecioná-la”. (OLIVEIRA, 2007, p. 20 *apud* SOUSA, VIERA, 2017, p.485).

Estes fatos reforçam que a Sociologia, assim como outras ciências humanas, está fortemente relacionada a diversos fatores – especialmente políticos e sociais” –, que fazem com que esta ciência tenha que lutar incessantemente por espaços nos meios educacionais e sociopolíticos, tanto nas esferas da educação básica regular, como na educação profissionalizante e na educação superior. Assim, reforça-se também que “de um ponto de vista histórico, a disciplina, enquanto discurso e enquanto prática, surgiu lentamente, e de maneira dispersa, ao longo de todo o século XIX” (CUIN, 1994, p. 21), possibilitando questionamentos e desaprovações, tais como as quais confrontam-se com perspectivas que reafirmam que “a introdução da Sociologia no ensino médio é de fundamental importância para a formação da juventude, que vive momento histórico de intensas transformações sociais, crescente incerteza quanto ao futuro e à ciência produzida pelo século que passou” (BRIDI, 2014, p. 09).

Mesmo em meio a conturbados cenários de instabilidades e negação em relação a sua consolidação enquanto ciência autônoma na educação brasileira, a sociologia passou, ao longo dos anos, a ganhar mais espaços, legitimidade e autonomia, inclusive em sua contemporânea institucionalização na educação básica, que foi legalizada por meio de novas propostas de reformulação do ensino médio, que eram justificadas a partir da premissa da educação cidadã, de caráter crítico e reflexivo:

A proposta curricular para a disciplina Sociologia está sustentada no pressuposto de que a educação no Ensino Médio deve ser uma atividade cuja função básica é possibilitar aos alunos o acesso a instrumentos necessários que os estimulem a agir de forma crítica e transformadora no seu cotidiano, além de prepará-los para a inserção no mercado de trabalho (CARVALHO, 2005). A oferta de conhecimentos sociológicos como parte integrante do currículo faz parte do protagonismo da escola em oferecer uma educação diferenciada, buscando a transformação do circuito social a que pertence o indivíduo e fazer alastrar uma nova ação pedagógica.

A partir do restabelecimento da democracia no Brasil, uma nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional começou a ser discutida pelo Congresso Nacional vindo a ser promulgada em dezembro de 1996 – a LDBEN nº 9.394/96. Nela, a disciplina Sociologia está implicitamente colocada pelo art. 36, § 1º, inciso III, comunicando que o aluno do Ensino Médio deverá demonstrar “domínio dos conhecimentos de Filosofia e de Sociologia necessários ao exercício pleno da cidadania” (BRASIL, 2009). Localmente, no Estado do Amapá, o mesmo acontece com a regulamentação do ensino, em que a Resolução nº 083/2002, do Conselho Estadual de Educação, em seu artigo 9º, comunica que “na composição curricular do ensino médio devem constar conteúdos que levem o aluno ao domínio dos conhecimentos de Filosofia e Sociologia necessários ao exercício da cidadania”. (AMORAS, 2010, p. 193).

A presença da Sociologia nas escolas de Ensino Médio vai se deparar com um público escolar diverso, razão pela qual a herança intelectual da Sociologia – pesquisar a sociedade, desenvolver explicações sociológicas fundadas em evidências empíricas, elaborar conceitos interpretativos e construir um conhecimento crítico – adquire urgente atualidade: reinventar nas novas gerações a esperança por uma sociedade mais incluyente, justa e solidária (NOVA, 2004 *apud* AMORAS, 2010, p. 194)

Neste sentido, levando em consideração que a sociologia, enquanto ciência, passou por muitas reformulações até sua real presença nas legislações da educação básica, observa-se também que o atual cenário desta ciência na educação básica tende a apresentar consideráveis perdas em relação aos avanços conquistados, especialmente por conta da proposta da atual reforma do ensino médio apresentada pelo Governo Federal do Brasil, em que a sociologia perderá o caráter de disciplina autônoma – assim como outras disciplinas –, retornando aos “estudos e práticas” – o que limita sua participação/presença na educação básica brasileira, conforme estabelece a Lei de Diretrizes e Bases (LDB):

Como ficará a oferta de educação física, arte, sociologia e filosofia? E língua portuguesa e matemática?

A LDB inclui, no ensino médio, obrigatoriamente, estudos e práticas de educação física, arte, sociologia e filosofia (Art. 35-A, § 2º). Já o ensino de língua portuguesa e matemática será obrigatório nos três anos do ensino médio, assegurada às comunidades indígenas, também, a utilização das respectivas línguas maternas (LDB, Art. 35-A, §3º), independente da(s) área(s) de aprofundamento que o estudante escolher em seu itinerário formativo. (BRASIL, s/d, Portal mec.gov.br)

A partir disso, questiona-se, veementemente, sobre o futuro da Sociologia, com ênfase para a incerteza sobre o que restará para esta ciência na educação brasileira, haja vista que a sociologia tende a perder novamente o caráter de disciplina obrigatória, significando assim, um grande retrocesso na luta e nos esforços por uma educação cidadã, crítica e reflexiva.

3. RELAÇÕES DE TRABALHO E A DOCÊNCIA EM SOCIOLOGIA: O CENÁRIO DE TRABALHO DO DOCENTE DE SOCIOLOGIA

3.1. O campo da pesquisa: Escola Estadual José do Patrocínio, Macapá-AP

3.1.1. A cidade de Macapá

A pesquisa responsável pela realização deste estudo ocorreu no distrito de Fazendinha, pertencente a cidade de Macapá¹⁶, capital do Estado do Amapá, ambos localizados no riquíssimo território amazônico, caracterizado pela diversidade (GONÇALVES, 2012), sendo esta diversidade envolve caráter social, cultural, político, religioso e econômico. Assim:

[...] o vocábulo que dá nome a Macapá é de origem Tupi, que significa macapaba, uma espécie de fruta. A ocupação das terras macapaenses foi realizada pelos povos conquistadores da Europa. Primeiro, pelos espanhóis que, antes do descobrimento oficial do País, já frequentavam o litoral paraense. Vicente Yanez Pinzon – que saíra de Palos em fins de 1499 – foi um destes. Tem-se vestígio de sua estada no Brasil em janeiro de 1500, primeiro em Pernambuco, depois na Amazônia, onde manteve contato com habitantes da região. Depois vieram os portugueses, que se fixaram definitivamente (MIRANDA NETO, 1976; SARAGOÇA, 2000, *apud* SOARES, 2013, p. 34).

A cidade de Macapá possui características peculiares, existentes somente em cidades da região norte do Brasil, tendo em vista que a região norte, em sua extensão, faz parte da Amazônia Brasileira, rica em biodiversidade, permeada por diversos grupos étnicos e suas culturas. Além das particularidades amazônicas, a cidade de Macapá é a única capital brasileira cortada pelo grande Rio Amazonas:

Macapá, a única capital do Brasil localizada na margem esquerda do Rio Amazonas, tem aproximadamente 465.495 mil habitantes (IBGE/2016). Sua fundação remonta a metade do século XVIII, quando a Coroa Portuguesa assume abertamente a missão de ocupar a região do Cabo Norte, que compreende o atual Estado do Amapá. A motivação principal era a ameaça estrangeira na foz do Rio Amazonas. A ação mais concreta desse projeto foi a criação da Vila de São José de Macapá, em 1758; e tem

¹⁶ Como vila, Macapá foi criada em 4 de fevereiro de 1758 por Mendonça Furtado. Depois, em 1856, foi elevada à categoria de cidade, por intermédio do Governador paraense, Tenente Coronel Henrique Rolam. Por iniciativa de Getúlio Vargas, no dia 13 de setembro de 1943, tornou-se a capital do Território Federal do Amapá. Com a nova Constituição brasileira de 1988, transformou-se na capital do Estado do Amapá. O nome vem do tupi, que significa lugar/terras das bacabas. Bacaba é um fruto parecido com o açaí, de onde é possível se extrair um vinho de cor cinzenta. [...] Macapá está localizada no Sudeste do Estado e seus limites municipais são com Santana, Itaúbal, Porto Grande, Ferreira Gomes, Cutias e Amapá. A linha do Equador corta a cidade, dividindo-a em hemisférios Norte e Sul. Com uma altitude de 16,48m do nível do mar, está situada à margem esquerda do Rio Amazonas. (PINTO, M. J. S., 2016, p. 29)

no deslocamento de famílias açorianas (cerca de 432 pessoas), em 1751, a base efetiva desta ocupação. É o ponto de partida do surgimento da sociedade amapaense no período colonial. A capital amapaense, Macapá, é hoje uma cidade que vem passando por transformações e ganhou nos últimos anos vários empreendimentos imobiliários (condomínios fechados, edifícios e prédios de médio porte), mas mantém uma arquitetura genuinamente de cidade amazônica, com antigos prédios públicos, e casas simples de madeira ou alvenaria. Denominada carinhosamente de “a Joia rara da Amazônia” por intelectuais locais, a cidade precisa ser mecuidada pelo Poder Público, principalmente no que se refere à pavimentação de ruas e avenidas. (PINTO, M. J. S., 2016, p. 28)

Neste sentido, enfatiza-se a cidade de Macapá-AP enquanto cidade sede da pesquisa, tendo em vista que o distrito de Fazendinha é vinculado territorialmente e administrativamente a Macapá, e a instituição de realização da pesquisa faz parte deste distrito.

3.1.2. A Escola Estadual José do Patrocínio

A Escola Estadual José do Patrocínio foi a instituição escolhida para a realização deste estudo, devido aos estudos prévios executado nas atividades de Estágio Supervisionado e Prática de Ensino à Docência, realizados na instituição, que fica localizada à Rua do Estaleiro, nº 203, Distrito de Fazendinha (AP). Suas atividades foram institucionalizadas a partir do ano de 1965, conforme Decreto nº 4302 de 16 de setembro de 2005 (em anexo). Atualmente a escola oferta o Ensino Fundamental Regular até o 9º ano, Ensino Médio e Educação de Jovens e Adultos (portaria nº 272/2006-SEED/GEA, em anexo). Vale mencionar que a Escola Estadual José do Patrocínio possui este nome em função da homenagem a um dos grandes personagens da história brasileira – José do Patrocínio¹⁷ –, conforme histórico fornecido pela instituição:

A Escola Estadual José do Patrocínio foi fundada em meados dos anos 40, o nome foi escolhido através de uma enquete nos anos 50 por alunos que pesquisaram a bibliografia de vários heróis nacionais e devido ao fato de a maior parte dos alunos serem descendentes de quilombolas, identificaram-se com o abolicionista José do Patrocínio lhe fazendo esta homenagem. Tem como missão: Formar cidadãos com conhecimentos suficientes que os tornem capazes de enfrentar suas necessidades pessoais e profissionais na resolução de seus problemas dentro da sociedade. Sua função social principal é respeitar e valorizar as experiências de vida dos educadores e de suas famílias. Trabalha com a linha filosófica Teoria Crítico Social dos Conteúdos, para formar alunos acima de tudo com valores éticos, morais e intelectuais. (HISTÓRICO, Escola Estadual José do Patrocínio., s/d., em anexo)

¹⁷ José Carlos do Patrocínio ([nascido em] Campos dos Goytacazes, 8 de outubro de 1854 – Rio de Janeiro, [faleceu em] 30 de janeiro de 1905) foi um farmacêutico, jornalista, escritor, orador e ativista político brasileiro. Mulato, constituiu-se em uma das mais destacadas figuras do movimento abolicionista e republicano no Rio de Janeiro. [...] Filho de João Carlos Monteiro, vigário da paróquia de Campos dos Goytacazes e orador sacro de reputação na Capela Imperial, com Justina do Espírito Santo, uma jovem escrava Mina de quinze anos, cedida ao serviço do cônego por D. Emerenciana Ribeiro do Espírito Santo, proprietária da região. (GELEDÉS, 2009)

3.1.3. Os procedimentos metodológicos utilizados na pesquisa

Tendo em vista que o desenvolvimento de métodos e/ou técnicas de auxílio a pesquisa científica podem se tornar grandes armadilhas para os/as pesquisadores/ras, vislumbrou-se a necessidade de refletir sobre quais metodologias deveriam ser utilizadas na construção da pesquisa. Ciente de que “talvez uma das maiores dificuldades, de quem se inicia na pesquisa científica, seja a de imaginar que basta um roteiro minucioso, detalhado, para seguir e logo a pesquisa estará realizada. Na verdade, o roteiro existe: são as diversas fases do método” (RÚDIO, 2007, p. 16-17). Assim, buscou-se fugir de roteiros estabelecidos em pesquisa, ao ponto de que a metodologia utilizada neste trabalho foi pensada a partir da análise sociológica, com grande ênfase para o “afastamento sobre as prenoções” (PAUGAM, 2015).

Neste sentido, optou-se pela utilização da pesquisa qualitativa, com riquíssimo auxílio da aplicação de questionários – com a finalidade de obter respostas precisas, vindas diretamente da fonte de pesquisas: os agentes e atores sociais (docentes de sociologia) entrevistados na Escola Estadual José do Patrocínio, Macapá-AP.

3.2. O cenário do Trabalho docente de Sociologia na Escola José do Patrocínio

3.2.1. Perfil dos professores participantes: Identificação e Formação Acadêmica

3.2.1.1. Professor Raimundo Nonato Silva de Sousa

O professor **Raimundo Nonato Silva de Sousa** tem 40 anos de idade, natural da cidade de Tutóia-MA, possui graduação em Licenciatura e Bacharelado em Ciências Sociais, Licenciatura em Física e pós-graduação, em nível de especialização, em Sociologia para o Ensino Médio, ambos pela Universidade Federal do Amapá (UNIFAP). Tem experiência com atuação nas disciplinas de Sociologia e Física, na Escola Estadual José do Patrocínio.

3.2.1.2. Professor Paulo Rodrigues Bastos

O professor **Paulo Rodrigues Bastos** tem 45 anos idade, é natural da cidade de Macapá-AP, possui graduação em Licenciatura e Bacharelado em Ciência Sociais e também possui grande experiência com o ensino da disciplina de Sociologia.

3.2.2. Apresentação e Análise das entrevistas realizadas com os professores

Neste subtema serão apresentados os resultados das entrevistas realizadas com os professores que atuam com Sociologia na Escola Estadual José do Patrocínio (JP). A entrevista foi realizada a partir da assinatura do “Termo de Consentimento e Livre Esclarecimento” – em que os participantes concordaram com a participação voluntária e com a divulgação de seus nomes, dados e respostas – junto a aplicação de questionário. Este termo também conta com a assinatura dos autores (pesquisador e orientador), que reforçam a seriedade, responsabilidade e o comprometimento com o manuseio das respostas apresentadas pelos professores.

A entrevista com aplicação do questionário junto aos professores de Sociologia teve a seguinte ordem: com o Professor Raimundo Nonato Silva de Sousa foi aplicado dia 21 de maio de 2019, por volta de 13h40min., em sala de aula. Com o Professor Paulo Rodrigues Bastos foi aplicado dia 23 de maio de 2019, por volta de 13h20min., na Sala dos Professores, ambos situados na Escola José do Patrocínio. Este mesmo questionário foi dividido a partir de três eixos de perguntas: I) Experiência Profissional, II) Concepções Conceituais e III) Experiência como Trabalhador Docente. Neste sentido, serão apresentados os resultados obtidos a partir dos três eixos, com as respectivas respostas dos professores acompanhado de análises desenvolvidas abaixo de cada eixo apresentado:

I – EXPERIÊNCIA PROFISSIONAL

Há quantos anos você atua como professor de Sociologia?

Raimundo Nonato: 10 anos
Paulo Bastos: 13 anos

Há quanto tempo você trabalha na Escola Estadual José do Patrocínio?

Raimundo Nonato: 6 anos
Paulo Bastos: 6 anos

Qual sua carga horária como Professor de Sociologia? Você acha justa?

Raimundo Nonato: 14h/semanais. Carga horária baixa, tamanha importância deste ramo das ciências.
Paulo Bastos: 40 horas. Sim.

Você trabalha com outras disciplinas além de Sociologia?

Raimundo Nonato: Sim, física.
Paulo Bastos: Não.

Quando questionados sobre suas experiências enquanto profissionais, os professores de Sociologia demonstram significativa experiência com a prática docente, haja vista que o Professor Raimundo Nonato atua há 10 anos e o Professor Paulo Bastos exerce sua profissão há 13 anos, ambos trabalham há 6 anos na Escola Estadual José do Patrocínio. Ainda demonstram considerável satisfação com suas cargas horárias de trabalho – ou melhor, não demonstraram insatisfação, sendo que o Professor Raimundo Nonato ainda atentou para o fato de ser uma “carga horária baixa” – de trabalho –, tendo em vista que a Sociologia é uma ciência de grande relevância para os ramos das ciências, conforme palavras do professor.

Em relação as suas atuações enquanto trabalhadores docentes, o professor Paulo Bastos respondeu que trabalha somente como o ensino de Sociologia – sua área de formação acadêmica –, já o Professor Raimundo Nonato relatou que atua tanto com Sociologia, como com o ensino da disciplina de Física, sua segunda graduação acadêmica.

No eixo que será apresentado a seguir, os professores também foram solicitados a apresentar suas concepções sobre duas categorias conceituais que são destaque neste estudo – conceito de Sociologia e conceito de Trabalho:

II – CONCEPÇÕES CONCEITUAIS

Na sua concepção: O que é Sociologia?

Raimundo Nonato: A oportunidade de conhecer e analisar realidades sociais distintas e propor condições de melhoria através da formação cidadã.

Paulo Bastos: Ciência necessária a compreensão da realidade social.

Na sua concepção: O que é trabalho?

Raimundo Nonato: Uma relação econômica estabelecida pelas necessidades de sobrevivência da espécie humana, em especial nos moldes capitalistas.

Paulo Bastos: Como concepção, algo penoso.

Em relação as concepções conceituais de cada professor, percebe-se que não há um prolongamento nas respostas, ambos apresentam suas concepções de maneira direta, sem fazer menção e/ou uso de teóricos e obras especializadas. Assim, os professores demonstram e valorizam suas concepções e percepções pessoais, demonstrando autonomia mediante a maneira de pensar sobre esses conceitos, conforme foi solicitado nas perguntas do eixo.

No último eixo de perguntas – e o mais específico sobre a temática pesquisada –, os professores entrevistados foram solicitados a responder perguntas sobre o cotidiano de suas práticas como trabalhadores docentes de Sociologia e sobre condições e estruturas para o desenvolvimento deste trabalho:

III – SOBRE A EXPERIÊNCIA COMO TRABALHADOR DOCENTE:

Na sua concepção: O que é ser professor de Sociologia no Contexto Atual?

Raimundo Nonato: Ser professor de Sociologia é vencer os desafios do descrédito construído sobre a sociologia. É ter coragem de formar cidadãos capaz de agir com autonomia.

Paulo Bastos: É ter a obrigação de participar da vida em sociedade, fazendo o máximo para ajudar os esclarecimentos do aluno como definidor do seu futuro e dos coletivos no qual está inserido.

Na sua concepção: Em quais condições de trabalho você atua?

() Ótimas / () Boas / () Regulares / () Ruins / () Péssimas; Por quê?

Raimundo Nonato: Ótimas. Isso não significa que as condições da escola sejam ótimas, mas que o conjunto de condições (positivas e negativas) servem de campo sociológico.

Paulo Bastos: Ruins.

Na sua concepção: A escola oferece condições de infraestrutura para as atividades docentes? (Ex: Sala de Aula; Espaço para os Professores; Laboratório de Informática)

Raimundo Nonato: Sim. Mesmo com algumas deficiências é possível adaptar-se e tornar o ensino prazeroso.

Paulo Bastos: Não.

Na sua concepção: A jornada de trabalho causa adoecimento? E interfere em seu lazer?

Raimundo Nonato: Não. Quando assumimos um posto de trabalho, como ser professor, sabemos as dificuldades e as responsabilidades. Temos, sim, a obrigação de nos organizarmos para preencher todas as necessidades da vida.

Paulo Bastos: Sim.

A Escola José do Patrocínio desenvolve algum Projeto Social? Você participa?

Raimundo Nonato: Sim. (de acompanhamento dos seus alunos que estabelecem relações homoafetivas). Participo indiretamente, pois ainda não fui convidado a compor a equipe.

Paulo Bastos: Sim, a Rádio JP. Não participo.

Você está satisfeito com o seu trabalho desenvolvido na escola José do Patrocínio?

Raimundo Nonato: Sim. Pela compreensão de que ensino e aprendo a partir das múltiplas realidades.

Paulo Bastos: Não.

Analisando as respostas apresentadas neste eixo final, percebe-se que os professores apresentam algumas divergências em relação às suas perspectivas sobre o cenário de trabalho na Escola José do Patrocínio. De modo que ambos admitem – mesmo que um seja mais discreto em suas respostas – que as estruturas e as condições de trabalho não são as mais favoráveis para o desenvolvimento das atividades. Assim, é perceptível que: o professor Raimundo Nonato

demonstra uma visão mais “positiva” – e também alegado que mesmo não sendo as melhores condições, é possível adaptar-se – sobre a realidade escolar e sobre as condições de trabalhos enfrentadas em seu cotidiano, fornecendo respostas um pouco mais argumentativas, esclarecendo ainda mais a sua posição sobre o ato de exercer a profissão de docente. O professor Paulo Bastos apresenta respostas que contrapõem aos argumentos do professor anterior, demonstrando pontos de vistas com caráter mais “negativo” – haja vista a repetição de respostas como ‘ruins’ e ‘não’ em relação as perguntas sobre suas concepções relacionadas ao trabalho docente”–, sobre o cenário de trabalho, tendo em vista que explicita o fato de considerar que não há condições adequadas para o pleno desenvolvimento de suas atividades de trabalho.

Ao analisar as perspectivas apresentadas pelos professores, também fez-se necessário apresentar observações – próprias do pesquisador – sobre as condições e estruturas de trabalho enfrentadas por esses professores. Nessa perspectiva, observou-se que na Escola em que este estudo foi realizado, não apresenta boas condições para o desempenho das atividades docentes – considerando todas as disciplinas e não apenas a sociologia –, tendo em vista que: as salas de aulas (mesmo as quais possuem aparelhos de climatização) são extremamente quentes e, por isso, são desconfortáveis, com fechadura das portas quebradas, paredes sujas/riscadas, aparentemente, pelos próprios alunos(as); os banheiros encontram-se depredados, sem quaisquer condição em que se possa chamar de adequada de uso; a maior parte dos(as) alunos(as) não respeitam a autoridade dos(as) professores e coordenadoras, nem mesmo nos momentos/horários reservados para as aulas.

A percepção desses fatores contribuiu diretamente para a elaboração de perguntas como “*a jornada de trabalho causa adoecimento?*”, haja vista que um(a) professor(a) que atua em média 9 turmas, por turno, durante a semana, com horários de aulas que viram entre 40 a 50 minutos – que é a realidade dos professores de Sociologia entrevistados – tendem a acumular elementos desfavoráveis a sua saúde, como cargas de estresses elevadas e desgaste emocional devido a situação e sensação de desvalorização enquanto trabalhador, como foi observado ao longo da realização das atividades de pesquisa de campo realidades na escola supracitada. Contudo, conforme foi explicado desde o processo de construção deste estudo, prevalecerá as perspectivas apresentadas pelos professores entrevistados, o que dignifica o acordo e a fidelidade firmada ao apresentar o questionário durante a entrevista.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste estudo, buscou-se apresentar o cenário de trabalho do docente de Sociologia, que atua na Escola Estadual José do Patrocínio, localizada no distrito de Fazendinha, pertencente a cidade de Macapá-AP. Este fato ocorreu por meio da apresentação das perspectivas dos próprios professores de Sociologia que estão inseridos no cenário de trabalho da referida escola. Assim, objetivou-se demonstrar mais uma face existente no cenário de ensino de sociologia na educação básica da cidade de Macapá.

Também buscou-se enfatizar a importância de elementos pertencentes a esse estudo, que são as discussões elencáveis a partir das conceituações sobre o Mundo do Trabalho (ou o Trabalho propriamente dito) enquanto uma categoria social de análise e as próprias conceituações de Sociologia – e seus desdobramentos. Reforça-se também para o fato de a metodologia deste estudo ter sido construída ao longo do processo de pesquisa de campo, uma vez que estavam sendo desenvolvidas atividades acadêmicas na escola sede da pesquisa e, até a metade do processo de pesquisa, não havia a pretensão de realização/aplicação de questionários, mas entrevistas informais, coletando dados e relatos. No entanto, devido ao avanço do tempo, optou-se pela aplicação de questionários, como uma técnica de recolher informações e respostas precisas, diretamente da fonte/objeto de estudo, que são os professores/trabalhadores que atuam com o ensino de sociologia na Escola José do Patrocínio.

Considera-se, portanto, mediante os resultados das entrevistas apresentadas por este estudo, que o cenário de trabalho dos docentes que trabalham com o ensino de Sociologia na Escola Estadual José do Patrocínio não é um dos mais favoráveis para o desenvolvimento do trabalho docente, levando em consideração a estrutura e organização da instituição de ensino, tendo em vista que os professores, mesmo apresentando respostas positivas, consideraram a necessidade de melhorar: especialmente em possibilitar aos professores melhores condições de trabalho – sala equipadas e justa divisão na carga horária para um adequado tempo para o ensino de uma ciência consideravelmente importante para o contexto socioeducacional.

Neste sentido, consideramos que o trabalho do docente de sociologia na Escola Estadual José do Patrocínio exige a superação de muitos desafios, mas, conforme mencionado por um dos professores, também torna-se um objeto para estudo sociológico, uma vez que este cenário torna-se propício para as análises, críticas e reflexões próprias da Sociologia enquanto uma das mais importantes ciências sociais.

REFERÊNCIAS

ALONSO, Myrtes. Formar Professores para Uma Nova Escola. In: **O Trabalho docente – teoria & prática** / Ana Gracinda Queluz (orientação); Myrtes Alonso organização). – São Paulo : Pioneira Thomson Learning, 2003., p. 9-18.

AMORAS, Fernando Castro. Presença da Sociologia no ensino médio das escolas públicas da cidade de Macapá, Estado do Amapá / Fernando Castro Amoras. **Acta Scientiarum. Human and Social Sciences**. Maringá, v. 32, n. 2, p. 193-198, 2010.

ANTUNES, Caio. **A escola do trabalho: formação humana em Marx** / Caio Antunes. Campinas: Papel Social, 2018. 208 p.

ANTUNES, Ricardo. A Era da Informatização e a Época da Informalização: Riqueza e Miséria do Trabalho no Brasil. In: **Riqueza e miséria do trabalho no Brasil** / Ricardo Antunes (organizador). – São Paulo : Boitempo, 2006.

_____. **Adeus ao trabalho? : ensaio sobre as metamorfoses e a centralidade do mundo do trabalho** / Ricardo Antunes. – 16. ed. – São Paulo : Cortez, 2015.

_____. **Os Sentidos do Trabalho : ensaio sobre a afirmação e a negação do trabalho** / Ricardo Antunes. – [2. ed., 10.reimpr. rev. e ampl.]. – São Paulo, SP. : Boitempo, 2009. – (Mundo do trabalho)

_____. Trabalho. In: **Dicionário de trabalho e tecnologia** / Antonio David Cattani, Lorena Holzmann (orgs.) ; - 2. ed. rev. ampl. – Porto Alegre, RS: Zouk, 2011. p. 432-437.

APPIO, Alexandre J. **Sociologia: dinâmicas e contextos para sala de aula** / Alexandre J. Appio – Rio de Janeiro: Wak Editora, 2013.

BARBOSA, Emerson. **O trabalho** / Emerson Barbosa. Correção ortográfica: Michela Barbosa. Macapá-AP – Editora Saber, 2013.

BASSO, Itacy Salgado. Significado e sentido do trabalho docente. **Cad. CEDES** [online]. 1998, vol.19, n.44. ISSN 0101-3262.

BRASIL, Ministério da Educação. **Novo Ensino Médio – Perguntas e Respostas** / Brasil – Portal do Ministério da Educação. Brasília. S/d. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/component/content/article?id=40361>>. Acesso em 23 mai 2019.

BAUMAN, Zygmunt. **Aprendendo a pensar com a sociologia** / Zygmunt Bauman e Tim May; tradução Alexandre Werneck. – Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

BRIDI, Maria Aparecida. **Ensinar e aprender Sociologia no Ensino Médio** / Maria Aparecida Bridi, Silvia Maria de Araújo, Benilde Lenzi Motim. – 1. ed., 3ª reimpressão – São Paulo : Contexto, 2014.

BORGES, Livia; YAMAMOTTO, Oswaldo. O mundo do trabalho do trabalho: construção histórica e desafios contemporâneos. In: J. C. Zanelli, J. E. Borges-Andrade, & A. V. Bastos

(Orgs.) **Psicologia, Organizações e Trabalho no Brasil**. 2ª ed. (p. 25-109); Porto Alegre: Artmed, 2014.

CALBUCCI, Eduardo; ROCHA, Jucenir; CALBUCCI, Rodrigo. **Sociologia: conceitos e interação**. / 1ª ed. – Editora LeYa, São Paulo, SP: 2013.

CASTRO, Celso. **Textos básicos de sociologia: De Karl Marx a Zygmunt Bauman** / Celso Castro. – 1. ed. – Rio de Janeiro: Zahar, 2014.

CATTANI, Antonio David. **Trabalho & Autonomia**. Petrópolis, Editora Vozes Ltda. 1996.

CHIAVENATO, Idalberto. Qualidade de Vida no Trabalho. In: **Recursos humanos : o capital humano das organizações**. – 9. ed. – Rio de Janeiro : Elsevier, 2009.

CIGALES, Marcelo Pinheiro. O Ensino da Sociologia no Brasil: Perspectiva de análise a partir da História das Disciplinas Escolares / Marcelo Pinheiro Cigales. **Revista Café com Sociologia**. Vol.3, Nº1. Jan. de 2014.

COSTA, Cristina. **Sociologia: introdução à ciência da sociedade** / Cristina Costa; – 4. Ed. – São Paulo : Moderna, 2010.

COHN, Gabriel. Introdução. In: WEBER, Max. **Weber – Sociologia** / Max Weber. Coleção Grandes Cientistas Sociais –. Organizador Gabriel Cohn; Coordenador: Florestan Fernandes – Editora Ática, São Paulo : SP, 2003.

COMTE, Auguste. **Auguste Comte : sociologia** / organizador [da coletânea] Evaristo de Moraes Filho; 2. ed. – Coleção Grandes Cientistas Sociais – São Paulo : Ática, 1983.

CUIN, Charles-Henry. **História da Sociologia** / Charles-Henry Cuin, François Gresle; tradução Roberto Leal Ferreira. – São Paulo: Ensaios, 1994.

DOMINGUES, José Maurício. **Sociologia e modernidade** / José Maurício Domingues – Rio de Janeiro : Civilização Brasileira, 2005.

_____. **Teorias sociológicas no século XX** / José Maurício Domingues. – 4ª ed. – Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2014.

DURKHEIM, Émile. **As Regras do Método Sociológico** / Émile Durkheim ; tradução de Walter Solon. – São Paulo : Edipro, 2012.

_____. **Da divisão do trabalho social** / Émile Durkheim ; tradução Eduardo Brandão. – 4ª. ed. – São Paulo : Martins Fontes, 2010. – (Biblioteca do Pensamento Moderno)

ENGELS, Friedrich. Sobre o papel do trabalho na transformação do macaco em homem. In: **A dialética do trabalho** / Ricardo Antunes (org.) – São Paulo : Expressão Popular, 2013.

FERNANDES, Floresta. **Florestan Fernandes: Sociologia**. Octavio Ianni (org.) – Coleção Grandes Cientistas Sociais – São Paulo : Editora Ática, 1986.

FÍGARO, Roseli. O Mundo do Trabalho e as organizações: abordagens discursivas de diferentes significados. / Roseli Fígaro. – **Organicom** – V. 5, nº09, 2008. Disponível em: <www.eca.usp.br/organicom/re_vista9>. Acesso em: 17 mar 2019.

FILHO, Evaristo de Moraes. Introdução. In: COMTE, Auguste. **Auguste Comte : sociologia** / organizador [da coletânea] Evaristo de Moraes Filho; 2. ed. – Coleção Grandes Cientistas Sociais – São Paulo : Ática, 1983.

GALLIANO, Alfredo Guilherme. **Introdução à Sociologia** / Alfredo Guilherme Galliano – São Paulo : Harper & Row do Brasil, 1981.

GIANNOTTI, José Arthur. Vida e Obra. In: DURKHEIM, Émile. **Durkheim – os pensadores** / Émile Durkheim ; seleção de textos de José Arthur Giannotti ; tradução de Carlos Alberto de Moura. São Paulo : Abril Cultural, 1978.

GIDDENS, Anthony. **As consequências da modernidade** / Anthony Giddens; tradução de Raul Fiker. – São Paulo: Editora UNESP, 1991. – (Biblioteca básica)

GELEDÉS. **José do Patrocínio**. / Geledés Instituto da Mulher Negra – Afro-brasileiros, 2009. Disponível em: <<https://www.geledes.org.br/jose-patrocinio/>> Acesso: em 23 mai 2019.

GODINHO, Luis Flávio Reis. **Sentidos do trabalho docente** / Luis Flávio Reis Godinho. – Cruz das Almas/BA : UFRB, 2019. 196 p.

GOFFMAN, Erving. **Estigma : notas sobre a manipulação da identidade deteriorada** / Erving Goffman : [tradução de Márcia Bandeira de Mello Leite Nunes]. – 4. ed, [reimpr.]. – Rio de Janeiro : LTC, 2008.

GONÇALVES, Carlos Walter Porto. **Amazônia, Amazônias**. Carlos Walter Porto Gonçalves, 3. ed. – São Paulo : Contexto, 2012.

GORENDER, Jacob. Introdução. In: MARX, Karl. **A ideologia alemã** / Karl Marx e Friedrich Engels ; [introdução de Jacob Gorender] ; tradução Luis Claudio de Castro e Costa. – São Paulo : Martin Fontes, 1998. – (Clássicos)

GORZ, André. **Adeus ao proletariado: para além do socialismo** / André Gorz; tradução de Angela Ramalho Vianna e Sérgio Goés de Paula. – Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982.

HISTÓRICO. **Histórico Escola Estadual José do Patrocínio**. Sem data – [em anexo], distrito de Fazendinha, Macapá-AP.

HOLZMANN, Lorena. A divisão sexual do Trabalho. In: **Dicionário de trabalho e tecnologia** / Antonio David Cattani, Lorena Holzmann (orgs.) ; - 2. ed. rev. ampl. – Porto Alegre, RS: Zouk, 2011. p. 130-133.

HOLZMANN, Lorena. A divisão social do Trabalho. In: **Dicionário de trabalho e tecnologia** / Antonio David Cattani, Lorena Holzmann (orgs.) ; - 2. ed. rev. ampl. – Porto Alegre, RS: Zouk, 2011. p. 127-130.

IANNI, Octavio. Introdução – classes sociais e contradições de classes. In: MARX, Karl. **Karl Marx : Sociologia** / organizador [da coletânea] Octavio Ianni ; [tradução de Maria Elisa Mascarenhas, Ione de Andrade e Fausto N. Pellegrini]. – 2. ed. – São Paulo : Ática, 1980.

JOHNSON, Allan G. **Dicionário de sociologia: guia prático da linguagem sociológica** / Allan G. Johnson; tradução, Ruy Jungmann; consultoria, Renato Lessa. – Rio de Janeiro: Jorge Zahar ed., 1997.

KONDER, Leandro. **Marx – vida e obra** / Leandro Konder. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

KUMAR, Krishan. **Da sociedade pós-industrial à pós-moderna: novas teorias sobre o mundo contemporâneo** / Krishan Kumar: tradução. Ruy Jungmann. – Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1997.

MARIN, A.J. Precarização do trabalho docente. In: OLIVEIRA, D. A.; DUARTE, A. M. C.; VIEIRA, L.M.F. **DICIONÁRIO: trabalho, profissão e condição docente**. Belo Horizonte: UFMG/Faculdade de Educação, 2010. CDROM.

MARX, Karl. **A ideologia alemã** : crítica da mais recente filosofia alemã em seus representantes Feuerbach, B. Bauer e Stirner, e do socialismo alemão em seus diferentes profetas (1845-1846) / Karl Marx, Friedrich Engels ; supervisão editorial, Leandro Konder ; tradução, Rubens Enderle, Nélio Schneider, Luciano Cavini Martorano. – São Paulo : Boitempo, 2007.

_____. O processo de trabalho e o processo de valorização. In: **O Capital: crítica da economia política: livro I – O processo de produção do capital** / Karl Marx; tradução Rubens Enderle. – 2. ed. – São Paulo : Boitempo, 2017. p. 255-304.

_____. Trabalho Estranhado e Propriedade Privada. In: **Manuscritos econômico-filosóficos** / Karl Marx. – Tradução, apresentação e notas Jesus Ranieri. – 2ª Reimpressão. São Paulo ; Boitempo, 2008, p. 79-90.

MARTINS, Carlos Benedito. **O que é Sociologia** / Carlos Benedito Martins – São Paulo : Brasiliense, 2003. – (Coleção Primeiros Passos; 57)

_____. Sociologia e ensino superior: encontro ou desencontro? / Carlos Benedito Martins. **Sociologias**, Porto Alegre, ano 14, nº 29, jan./abr. 2012, p. 100-127.

PAUGAM, Serge. Afastar-se das prenoções. In: **A pesquisa sociológica** / Serge Paugam, (coordenador) ; tradução de Francisco Morás. – Petrópolis, RJ : Vozes, 2015. – (Coleção Sociologia), p. 17-32.

PIMENTA, Selma Garrido. **Docência no ensino superior** / Selma Garrido Pimenta, Léa das Graças Camargos Anastasiou. – 5. ed. – São Paulo: Cortez, 2014.

PINTO, Geraldo Augusto. **A organização do trabalho no século 20 : taylorismo, fordismo e toyotismo** / Geraldo Augusto Pinto – 1 ed. – São Paulo : Expressão Popular, 2007.

PINTO, Manoel de Jesus de Souza. **Conhecendo o Amapá** / Manoel de Jesus de Souza Pinto. - 1. ed. - Belém, PA: Cultural Brasil, 2016.

PINTO, Manoel de Jesus de Souza. **O Fetiche do Emprego : um estudo sobre as relações de trabalho de brasileiros na Guiana Francesa** / Manoel de Jesus de Souza Pinto. Belém: NAEA, 2012.

QUINTANEIRO, Tânia. **Um toque de clássicos: Marx, Durkheim e Weber** / Tânia Quintaneiro, Maria Ligia de Oliveira Barbosa, Márcia Gardênia de Oliveira. – 2. ed. rev. amp. – Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002.

RODRIGUES, José Albertino. Introdução. In: DURKHEIM, Émile. **Durkheim – sociologia** / Émile Durkheim. Organizador: José Albertino Rodrigues; Coordenador: Florestan Fernandes. – Coleção Grandes Cientistas Sociais – 9ª edição, 2ª impressão. São Paulo: Editora Ática, 2000.

RUDIO, Franz Victor. **Introdução ao projeto de pesquisa científica** / Franz Victor Rudio. 34. ed. – Petrópolis, Vozes, 2007.

SANTANA, Marco Aurélio. **Sociologia do trabalho no mundo contemporâneo** / Marco Aurélio Santana e José Ricardo Ramalho. – Rio de Janeiro : Jorge Zahar Ed., 2004.

SELL, Carlos Eduardo. **Sociologia Clássica: Durkheim, Weber e Marx**. Itajaí, 2001.

SOARES, Ana Cristina de Paula Maués. **Conservação ambiental e participação política feminina: estudo em comunidades negras de Macapá-AP** / Ana Cristina de Paula Maués Soares; orientadora Profª Drª Maria Cristina Alves Maneschy. (Tese, UFPA) – 2013.

SOUSA, Maria das Dôres; VIERA, Maria Alveni Barros. Percursos da Sociologia nos Currículos do Ensino Médio no Brasil: O que dizem professores e alunos?. **Rev. Espaço do Currículo (online)**, João Pessoa, v.10, n.3, p. 484-493, set./dez. 2017.

SOUZA, Renato Antonio de. **Sociologia da Educação** / [Renato Antonio de Souza]; – São Paulo, SP : Cengage Learning, 2017.

TARDIF, Maurice. **O trabalho docente : elementos para uma teoria da docência como profissão de interações humanas** / Maurice Tardif, Claude Lessard; tradução de João Batista Kreuch. 9. ed. – Petrópolis, RJ : Vozes, 2014.

ULBRA : Universidade Luterana do Brasil. **Sociologia do trabalho** / [Obra] organizada pela Universidade Luterana do Brasil (Ulbra). – Curitiba: Ibpex, 2008.

WEBER, Max. **Conceitos básicos de sociologia** / Max Weber; tradução de Rubens Eduardo Ferreira Frias e Gerard Georges Delaunay. São Paulo: Centauro, 2002.

_____. **Economia e Sociedade: fundamentos da sociologia compreensiva** / Max Weber; trad. de Regis Barbosa e Karen Elsabe Barbosa; ver. Téc. de Gabriel Cohn, 4ª ed. 4ª reimpressão – Brasília : Editora Universidade de Brasília, 2015.

APÊNDICE I – TERMO DE CONSENTIMENTO E LIVRE ESCLARECIMENTO

Prezado(a) senhor(a),

Gostaríamos de convidá-lo(a) a participar de nossa pesquisa sobre a temática: **“O Trabalho do(a) Docente de Sociologia”**, realizada na **Escola Estadual José do Patrocínio (JP)**. O objetivo desta pesquisa é avaliar as perspectivas e experiências sobre o trabalhador docente de sociologia. **A sua participação consiste em responder ao questionário, sem qualquer compromisso posterior. Gostaríamos de esclarecer que sua participação é totalmente voluntária;** você pode recusar-se a participar, ou mesmo desistir a qualquer momento, sem qualquer custo ou prejuízo à sua pessoa. **Informamos ainda que as informações serão utilizadas somente para os fins desta pesquisa e serão tratadas com o mais absoluto respeito e seriedade.**

Os resultados obtidos através deste questionário serão utilizados apenas para fins de trabalho acadêmico – coleta de dados para complementação na produção do Trabalho de Conclusão de Curso, do curso de graduação em Licenciatura em Sociologia, da Universidade Federal do Amapá (UNIFAP). Com essa pesquisa, temos a pretensão de realizar um trabalho que proporcione mais visibilidade e qualidade aos trabalhos sobre a temática pesquisada, permitindo assim, que outros(as) pesquisadores(as) e profissionais venham, no futuro, utilizar-se de informações e métodos como referência/fonte de trabalho. **Você permite a divulgação de seu nome no Trabalho de Conclusão de Curso, como docente de sociologia – participante voluntário da pesquisa: () Sim / () Não.**

Ressaltamos que sua participação é livre, e informamos que o(a) senhor(a) não pagará nem será remunerado por sua participação – nem terá direito a autoria e/ou coautoria no trabalho, uma vez que almejamos sua rica contribuição com a finalidade de construir nossos passos na carreira acadêmica. Caso o(a) senhor(a) tenha dúvidas ou necessite de maiores esclarecimentos pode nos contatar: **Jorge Lucas de Oliveira Dias** (celular: (96) 98115-9138 / (96) 99122-4524 / e-mail: jorgelucas.ap@gmail.com); **Prof. Dr. Manoel de Jesus de Souza Pinto** (celular: (96) 98807-7478 / e-mail: manoel-pinto@bol.com.br) – vinculados ao Departamento de Filosofia e Ciências Humanas, Pró-Reitoria de Ensino de Graduação, da Universidade Federal do Amapá, Campus Marco Zero, Macapá-AP.

AUTORES:

PARTICIPANTE VOLUNTÁRIO:

Jorge Lucas de Oliveira Dias

Professor/a – Escola José do Patrocínio

Manoel de Jesus de Souza Pinto

Macapá-AP, ____ de _____ de _____

APÊNDICE II – QUESTIONÁRIO: O Trabalho do(a) Docente de Sociologia

Este **questionário** destina-se ao(s) professor(es) de Sociologia da Escola Estadual José do Patrocínio, com a finalidade obter respostas sobre suas experiências de trabalho enquanto docente de Sociologia na Educação Básica. (**Aluno:** Jorge Lucas de Oliveira Dias*; **Orientador:** Prof. Dr. Manoel de Jesus de Souza Pinto)

I – IDENTIFICAÇÃO

Nome: _____

Escola(s) de Atuação: _____

Idade: _____; **Naturalidade:** _____

II – FORMAÇÃO ACADÊMICA:

Graduação: _____

Pós-Graduação (se houver): _____

III – EXPERIÊNCIA PROFISSIONAL

Há quantos anos você atua como professor de Sociologia?

Há quanto tempo você trabalha na Escola Estadual José do Patrocínio?

Qual sua carga horária como Professor de Sociologia? Você acha justa?

* Aluno do curso de Graduação em Licenciatura em Sociologia e do curso de pós-graduação, em nível de Especialização, em Estudos Culturais e Políticas Públicas (PCULT), ambos na Universidade Federal do Amapá (UNIFAP); Graduado em Gestão de Recursos Humanos, pela Universidade Paulista (UNIP) e Especialista em Gestão e Docência no Ensino Superior, pela Faculdade de Teologia e Ciências Humanas (FATECH). Contato: (96) 98115-9138 / (96) 99122-4524 / E-mail: jorgelucas.ap@gmail.com.

Você trabalha com outras disciplinas além de Sociologia?

IV – CONCEPÇÕES CONCEITUAIS

NA SUA CONCEPÇÃO: O que é Sociologia?

NA SUA CONCEPÇÃO: O que é trabalho?

V – SOBRE A EXPERIÊNCIA COMO TRABALHADOR DOCENTE:

NA SUA CONCEPÇÃO: O que é ser professor de Sociologia no Contexto Atual?

NA SUA CONCEPÇÃO: Em quais condições de trabalho você atua?

() Ótimas / () Boas / () Regulares / () Ruins / () Péssimas; Por quê?

NA SUA CONCEPÇÃO: A escola oferece condições de infraestrutura para as atividades docentes? (Ex: Sala de Aula; Espaço para os Professores; Laboratório de Informática)

NA SUA CONCEPÇÃO: A jornada de trabalho causa adoecimento? E interfere em seu lazer?

A Escola José do Patrocínio desenvolve algum Projeto Social? Você participa?

Você está satisfeito com o seu trabalho desenvolvido na escola José do Patrocínio?

ANEXOS

I – Decreto N.º 4302 de 16 de setembro de 2005

II – Portaria N.º 272/2006-SEED/GEA

III – Histórico da Escola Estadual José do Patrocínio

IV – Questionários respondidos: professores de Sociologia.



GOVERNO DO ESTADO DO AMAPÁ

DECRETO N° 4302 DE 16 DE SETEMBRO DE 2005

O GOVERNADOR DO ESTADO DO AMAPÁ, usando das atribuições que lhe são conferidas pelo artigo 119, inciso VIII, da Constituição do Estado do Amapá, em conformidade com a Lei n° 0138, de 27 de dezembro de 1993; tendo em vista o contido no Ofício n° 2809/2005-GAB/SEED/GEA, e

Considerando que o ato de criação das Unidades Escolares faz-se necessário, visando iniciar o processo de regularização e validação dos estudos realizados pelos alunos junto ao Conselho Estadual de Educação;

Considerando, ainda, que as Escolas a seguir relacionadas, integrantes do Sistema de Ensino do Estado, não possuem o Ato de Criação da mantenedora e há anos vêm funcionando com normalidade,

DECRETA:

Art. 1° Ficam criadas, com as denominações que lhes foram dadas na origem, as Escolas Integrantes do Sistema de Ensino do Estado, a seguir relacionadas:

I - Escola Estadual Jesus Misericordioso, localizada na Vila Local 04, n° 625, Marabaixo, na zona urbana de Macapá, com início das atividades em 1995;

II - Escola Estadual Mário David Andreazza, localizada à Rua Raimunda Ramos dos Passos, 847, Perpétuo Socorro, na zona urbana de Macapá, com início de suas atividades em 1994;

III - Escola Estadual Padre Dário, localizada à Av. Cônego Domingos Maltez n° 0506, Trem, na zona urbana de Macapá, com início de suas atividades em 27/03/1956;

IV - Escola Estadual Modelo Guanabara, localizada à Rua Eliezer

WJ-

Levy, nº 1601, Centro, na zona urbana de Macapá, com início de suas atividades em 1966:

V - Escola Estadual Antonio João, localizada à Rua Hildemar Maia, s/n, Santa Rita, zona urbana de Macapá, com início de suas atividades em 1971;

VI - Centro de Estudos Supletivos Emílio Médici, edificado à Rua Cândido Mendes, nº 555, Centro, na zona urbana de Macapá, com início de suas atividades em 01 de julho de 1975;

VII - Escola Estadual Augusto dos Anjos, edificada à Rua Eliezer Levy nº 113, Laguinho, zona urbana de Macapá, com início de suas atividades em 1967;

VIII - Escola Estadual Castro Alves, localizada à Av. Pedro Américo nº 114, Jesus de Nazaré, zona urbana de Macapá, com início de suas atividades em 25 de março 1971;

IX - Escola Estadual Dr. Coaracy Nunes, edificada à Av. Mendonça Júnior, nº 01651, Trem, zona urbana de Macapá, com início de suas atividades em 1956;

X - Escola Estadual General Azevedo Costa, localizada à Av. José Antonio Siqueira, nº 0111, Julião Ramos, zona urbana de Macapá, com início de suas atividades em 01 de maio de 1971;

XI - Escola Estadual José de Anchieta, localizada à Av. Cora de Carvalho, nº 136, Santa Rita, zona urbana de Macapá, com início de suas atividades em 01 de maio de 1971;

XII - Escola Estadual José do Patrocínio, localizada à Rua do Estaleiro, nº 203, Distrito de Fazeridinha, zona urbana de Macapá, com início de suas atividades em 1965;

XIII - Escola Estadual Predicanda Cordeiro de Amorim Lopes, localizada à Rua Rio Grande do Sul, nº 131, Santa Rita, zona urbana de Macapá, com início de suas atividades em 1976.

Art. 2º Fica determinado à Secretaria de Estado da Educação que, mediante procedimentos administrativos pertinentes, tome as providências necessárias ao fiel cumprimento deste Decreto.

Art. 3º Este Decreto entra em vigor na data de sua publicação.

Macapá, 16 de setembro de 2005


ANTÔNIO WALDEZ GÓES DA SILVA
Governador



**GOVERNO DO ESTADO DO AMAPÁ
SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO**

PORTARIA n.º 272/2006-SEED

O SECRETÁRIO DE ESTADO DA EDUCAÇÃO, usando das atribuições que lhe são conferidas pelo Decreto n.º 3431 de 27 de dezembro de 2004 e considerando:

- Os termos da Resolução n.º 138/00 – CEE;
- O regular funcionamento da Escola Estadual José do Patrocínio;
- A necessidade de processar a regularização das Escolas Estaduais.

RESOLVE:

Art. 1º Autorizar o funcionamento da **Escola Estadual José do Patrocínio**, situada na Rua do Estaleiro, n.º 203, Distrito de Fazendinha, município de Macapá, Estado do Amapá, que ministra o Ensino Fundamental Regular de 1ª a 8ª série. Educação de Jovens e Adultos da alfabetização, 1ª e 2ª etapas do Ensino Fundamental.

Art. 2º Esta portaria entra em vigor na data de sua publicação.

**DÊ-SE CIÊNCIA, PUBLIQUE-SE E CUMPRA-SE
GABINETE DO SECRETÁRIO, em Macapá-AP, 15/5/2006.**

José Aduino Santos/Bitencourt
Secretário de Estado da Educação

HISTÓRICO

A Escola Estadual José do Patrocínio foi fundada em meados dos anos 40, o nome foi escolhido através de uma enquete nos anos 50 por alunos que pesquisaram a bibliografia de vários heróis nacionais e devido ao fato de a maior parte dos alunos serem descendentes de quilombolas, identificaram-se com o abolicionista José do Patrocínio lhe fazendo esta homenagem.

Tem como missão: Formar cidadãos com conhecimentos suficientes que os tornem capazes de enfrentar suas necessidades pessoais e profissionais na resolução de seus problemas dentro da sociedade.

Sua função social principal é respeitar e valorizar as experiências de vida dos educandos e de suas famílias.

Trabalha com a linha filosófica Teoria Crítico Social dos Conteúdos, para formar alunos acima de tudo com valores éticos, morais e intelectuais,

APÊNDICE I – TERMO DE CONSENTIMENTO E LIVRE ESCLARECIMENTO

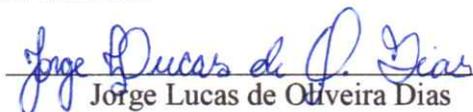
Prezado(a) senhor(a),

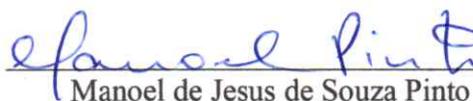
Gostaríamos de convidá-lo(a) a participar de nossa pesquisa sobre a temática: **“O Trabalho do(a) Docente de Sociologia”**, realizada na **Escola Estadual José do Patrocínio (JP)**. O objetivo desta pesquisa é avaliar as perspectivas e experiências sobre o trabalhador docente de sociologia. **A sua participação consiste em responder ao questionário, sem qualquer compromisso posterior. Gostaríamos de esclarecer que sua participação é totalmente voluntária**; você pode recusar-se a participar, ou mesmo desistir a qualquer momento, sem qualquer custo ou prejuízo à sua pessoa. **Informamos ainda que as informações serão utilizadas somente para os fins desta pesquisa e serão tratadas com o mais absoluto respeito e seriedade.**

Os resultados obtidos através deste questionário serão utilizados apenas para fins de trabalho acadêmico – coleta de dados para complementação na produção do Trabalho de Conclusão de Curso, do curso de graduação em Licenciatura em Sociologia, da Universidade Federal do Amapá (UNIFAP). Com essa pesquisa, temos a pretensão de realizar um trabalho que proporcione mais visibilidade e qualidade aos trabalhos sobre a temática pesquisada, permitindo assim, que outros(as) pesquisadores(as) e profissionais venham, no futuro, utilizar-se de informações e métodos como referência/fonte de trabalho. **Você permite a divulgação de seu nome no Trabalho de Conclusão de Curso, como docente de sociologia – participante voluntário da pesquisa: Sim / () Não.**

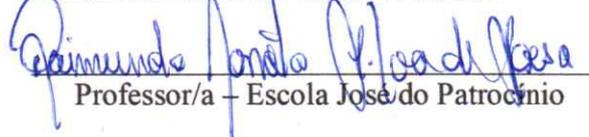
Ressaltamos que sua participação é livre e, informamos que o(a) senhor(a) não pagará nem será remunerado por sua participação – nem terá direito a autoria e/ou coautoria no trabalho, uma vez que almejamos sua rica contribuição com a finalidade de construir nossos passos na carreira acadêmica. Caso o(a) senhor(a) tenha dúvidas ou necessite de maiores esclarecimentos pode nos contatar: **Jorge Lucas de Oliveira Dias** (celular: (96) 98115-9138 / (96) 99122-4524 / e-mail: jorgelucas.ap@gmail.com); **Prof. Dr. Manoel de Jesus de Souza Pinto** (celular: (96) 98807-7478 / e-mail: manoel-pinto@bol.com.br) – vinculados ao curso de Licenciatura em Sociologia, do Departamento de Filosofia e Ciências Humanas, Pró-Reitoria de Ensino de Graduação, da Universidade Federal do Amapá, Campus Marco Zero, Macapá-AP.

AUTORES:


Jorge Lucas de Oliveira Dias


Manoel de Jesus de Souza Pinto

PARTICIPANTE VOLUNTÁRIO:


Professor/a – Escola José do Patrocínio

Macapá-AP, 25 de maio de 2019

APÊNDICE II – QUESTIONÁRIO: O Trabalho do(a) Docente de Sociologia

Este **questionário** destina-se ao(s) professor(es) de Sociologia da Escola Estadual José do Patrocínio, com a finalidade obter respostas sobre suas experiências de trabalho enquanto docente de Sociologia na Educação Básica. (**Aluno:** Jorge Lucas de Oliveira Dias*; **Orientador:** Prof. Dr. Manoel de Jesus de Souza Pinto)

I – IDENTIFICAÇÃO

Nome: Raimundo Nonato Silva de Sousa
Escola(s) de Atuação: EE. José do Patrocínio
Idade: 40 anos; Naturalidade: Tutera - MA

II – FORMAÇÃO ACADÊMICA:

Graduação: Lic. Bac. Ciências Sociais / Lic. Física
Pós-Graduação (se houver): Sociologia no ensino Médio

III – EXPERIÊNCIA PROFISSIONAL

Há quantos anos você atua como professor de Sociologia?

10 anos

Há quanto tempo você trabalha na Escola Estadual José do Patrocínio?

6 anos

Qual sua carga horária como Professor de Sociologia? Você acha justa?

14 h/semana
Carga horária baixa, tamanha importância deste ramo das ciências

* Aluno do curso de Graduação em Licenciatura em Sociologia e do curso de pós-graduação, em nível de Especialização, em Estudos Culturais e Políticas Públicas (PCULT), ambos na Universidade Federal do Amapá (UNIFAP); Graduado em Gestão de Recursos Humanos, pela Universidade Paulista (UNIP) e Especialista em Gestão e Docência no Ensino Superior, pela Faculdade de Teologia e Ciências Humanas (FATECH). Contato: (96) 98115-9138 / (96) 99122-4524 / E-mail: jorgelucas.ap@gmail.com.

Você trabalha com outras disciplinas além de Sociologia?

Sim. Física

IV – CONCEPÇÕES CONCEITUAIS

NA SUA CONCEPÇÃO: O que é Sociologia?

A oportunidade de conhecer e analisar realidades sociais distintas e propor condições de melhoria através da formação cidadã.

NA SUA CONCEPÇÃO: O que é trabalho?

Uma relação econômica estabelecida pelas necessidades de sobrevivência da espécie humana, em especial nos moldes capitalistas.

V – SOBRE A EXPERIÊNCIA COMO TRABALHADOR DOCENTE:

NA SUA CONCEPÇÃO: O que é ser professor de Sociologia no Contexto Atual?

Ser professor de Sociologia é vencer os desafios do descrédito construído sobre a sociologia. É ter coragem de formar cidadãos capazes de agir com autonomia.

NA SUA CONCEPÇÃO: Em quais condições de trabalho você atua?

Ótimas / () Boas / () Regulares / () Ruins / () Péssimas

Isso não significa que as condições da escola sejam ótimas, mas que o conjunto de condições (positivas e negativas) fazem de campo sociológico.

NA SUA CONCEPÇÃO: A escola oferece condições de infraestrutura para as atividades docentes? (Ex: Sala de aula adequadas; Espaço para os Professores; Laboratório de Informática)

Sim. Mesmo com algumas deficiências é possível adaptar-se e tornar o ensino prazeroso.

NA SUA CONCEPÇÃO: A jornada de trabalho causa adoecimento? E interfere em seu lazer?

Não. Quando reunimos em um posto de trabalho, como ser professor, sabemos as dificuldades e as responsabilidades. Temos, sim, a obrigação de nos organizarmos para preencher todas as necessidades da vida.

A Escola José do Patrocínio desenvolve algum Projeto Social? Você participa?

Sim. (de acompanhamento dos seus alunos que estabelecerem relações homoafetivas). Participo indiretamente, pois ainda não fui convidada a compor a equipe.

Você está satisfeito com o seu trabalho desenvolvido na escola José do Patrocínio?

Sim. Pela compreensão de que ensinar e aprender a partir das múltiplas realidades.

APÊNDICE I – TERMO DE CONSENTIMENTO E LIVRE ESCLARECIMENTO

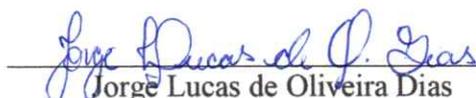
Prezado(a) senhor(a),

Gostaríamos de convidá-lo(a) a participar de nossa pesquisa sobre a temática: **“O Trabalho do(a) Docente de Sociologia”**, realizada na **Escola Estadual José do Patrocínio (JP)**. O objetivo desta pesquisa é avaliar as perspectivas e experiências sobre o trabalhador docente de sociologia. **A sua participação consiste em responder ao questionário, sem qualquer compromisso posterior. Gostaríamos de esclarecer que sua participação é totalmente voluntária;** você pode recusar-se a participar, ou mesmo desistir a qualquer momento, sem qualquer custo ou prejuízo à sua pessoa. **Informamos ainda que as informações serão utilizadas somente para os fins desta pesquisa e serão tratadas com o mais absoluto respeito e seriedade.**

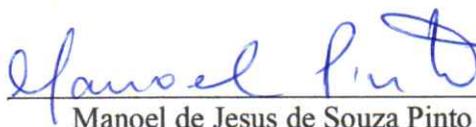
Os resultados obtidos através deste questionário serão utilizados apenas para fins de trabalho acadêmico – coleta de dados para complementação na produção do Trabalho de Conclusão de Curso, do curso de graduação em Licenciatura em Sociologia, da Universidade Federal do Amapá (UNIFAP). Com essa pesquisa, temos a pretensão de realizar um trabalho que proporcione mais visibilidade e qualidade aos trabalhos sobre a temática pesquisada, permitindo assim, que outros(as) pesquisadores(as) e profissionais venham, no futuro, utilizar-se de informações e métodos como referência/fonte de trabalho. **Você permite a divulgação de seu nome no Trabalho de Conclusão de Curso, como docente de sociologia – participante voluntário da pesquisa: (X) Sim / () Não.**

Ressaltamos que sua participação é livre e, informamos que o(a) senhor(a) não pagará nem será remunerado por sua participação – nem terá direito a autoria e/ou coautoria no trabalho, uma vez que almejamos sua rica contribuição com a finalidade de construir nossos passos na carreira acadêmica. Caso o(a) senhor(a) tenha dúvidas ou necessite de maiores esclarecimentos pode nos contatar: **Jorge Lucas de Oliveira Dias** (celular: (96) 98115-9138 / (96) 99122-4524 / e-mail: jorgelucas.ap@gmail.com); **Prof. Dr. Manoel de Jesus de Souza Pinto** (celular: (96) 98807-7478 / e-mail: manoel-pinto@bol.com.br) – vinculados ao curso de Licenciatura em Sociologia, do Departamento de Filosofia e Ciências Humanas, Pró-Reitoria de Ensino de Graduação, da Universidade Federal do Amapá, Campus Marco Zero, Macapá-AP.

AUTORES:

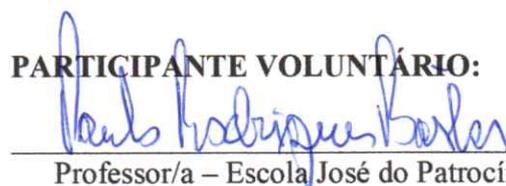


Jorge Lucas de Oliveira Dias



Manoel de Jesus de Souza Pinto

PARTICIPANTE VOLUNTÁRIO:



Professor/a – Escola José do Patrocínio

Macapá-AP, 23 de Maio de 2019

APÊNDICE II – QUESTIONÁRIO: O Trabalho do(a) Docente de Sociologia

Este **questionário** destina-se ao(s) professor(es) de Sociologia da Escola Estadual José do Patrocínio, com a finalidade obter respostas sobre suas experiências de trabalho enquanto docente de Sociologia na Educação Básica. (**Aluno:** Jorge Lucas de Oliveira Dias*; **Orientador:** Prof. Dr. Manoel de Jesus de Souza Pinto)

I – IDENTIFICAÇÃO

Nome: Manoel Rodrigues Bastos

Escola(s) de Atuação: E.E. José do Patrocínio

Idade: 45; Naturalidade: Macapá

II – FORMAÇÃO ACADÊMICA:

Graduação: Bacharel e licenciado em Ciências Sociais

Pós-Graduação (se houver): _____

III – EXPERIÊNCIA PROFISSIONAL

Há quantos anos você atua como professor de Sociologia?

13 anos

Há quanto tempo você trabalha na Escola Estadual José do Patrocínio?

6 anos

Qual sua carga horária como Professor de Sociologia? Você acha justa?

40 horas, Sim

* Aluno do curso de Graduação em Licenciatura em Sociologia e do curso de pós-graduação, em nível de Especialização, em Estudos Culturais e Políticas Públicas (PCULT), ambos na Universidade Federal do Amapá (UNIFAP); Graduado em Gestão de Recursos Humanos, pela Universidade Paulista (UNIP) e Especialista em Gestão e Docência no Ensino Superior, pela Faculdade de Teologia e Ciências Humanas (FATECH). Contato: (96) 98115-9138 / (96) 99122-4524 / E-mail: jorgelucas.ap@gmail.com.

Você trabalha com outras disciplinas além de Sociologia?

Não

IV – CONCEPÇÕES CONCEITUAIS

NA SUA CONCEPÇÃO: O que é Sociologia?

Ciência necessária a compreensão da realidade social

NA SUA CONCEPÇÃO: O que é trabalho?

- Como concepção, algo flexível.

V – SOBRE A EXPERIÊNCIA COMO TRABALHADOR DOCENTE:

NA SUA CONCEPÇÃO: O que é ser professor de Sociologia no Contexto Atual?

- É ter a obrigação de participar da vida em sociedade, buscando o máximo para ajudar ao desenvolvimento do aluno como defensor do seu futuro e do coletivo no qual está inserido.

NA SUA CONCEPÇÃO: Em quais condições de trabalho você atua?

() Ótimas / () Boas / () Regulares / () Ruins / () Péssimas

NA SUA CONCEPÇÃO: A escola oferece condições de infraestrutura para as atividades docentes? (Ex: Sala de aula adequadas; Espaço para os Professores; Laboratório de Informática)

Não

NA SUA CONCEPÇÃO: A jornada de trabalho causa adoecimento? E interfere em seu lazer?

Sim.

A Escola José do Patrocínio desenvolve algum Projeto Social? Você participa?

- Sim, o Hódio IV. Não participo.

Você está satisfeito com o seu trabalho desenvolvido na escola José do Patrocínio?

Não.
